



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE

Faculdade de Educação

Departamento de Organização e Gestão de Educação

Monografia

**O papel da escola no combate ao assédio sexual da aluna: Caso da Escola Secundária de
Mathemele (2016-2019)**

Valeriana Alberto Maquite

Maputo, Março de 2022

Universidade Eduardo Mondlane

Faculdade de Educação

Departamento de Organização e Gestão da Educação

**O papel da escola no combate ao assédio sexual da aluna: Caso da Escola
Secundária de Mathemele (2016-2019)**

Valeriana Alberto Maquite

Monografia apresentada no Departamento de Organização e Gestão da Educação sob orientação do dr. Augusto Basa como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Organização e Gestão da Educação.

Maputo, março de 2022

**O papel da escola no combate ao assédio sexual da aluna: Caso da Escola
Secundária de Mathemele (2016-2019)**

Comité de Júri

O Presidente

O Supervisor

O Oponente

Declaração de Honra

Declaro por minha honra que este trabalho de monografia nunca foi apresentado, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau ou num outro âmbito e que constitui o resultado da minha investigação, sob orientação do meu supervisor, estando no texto e nas referências as fontes utilizadas.

(Valeriana Alberto Maquite)

Maputo, Março de 2022

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia aos meus filhos e em especial ao meu marido que nunca mediu esforços para me ajudar a chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar e aos meus pais Raulina Massango e Alberto Maquite por terem dado a graça, vida, saúde e oportunidade de conquistar mais uma Vitória em minha vida.

Ao meu supervisor, doutor Augusto Bassa que inesgotavelmente foi paciente e aberto para ouvir as minhas preocupações e oferecer ajuda necessária, a quem desde já endereço-lhe a minha sincera e infinita gratidão.

A minha profunda gratidão estende-se ao corpo docente da Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane, em especial ao Departamento de Organização e Gestão da Educação, que de forma directa ou indirecta contribuíram com os conhecimentos e auxílio durante os anos de formação.

O meu muito obrigado vai igualmente para os meus filhos Carlos Teimezira, Leopoldina Teimezira, Joaquim Fumo Júnior, Rosângela Valéria Fumo, e Nelsa Adriano Macamo e em especial ao meu esposo Paulo Juvêncio Teimezira pelo encorajamento e acompanhamento nas minhas leituras.

De igual modo, os meus estimados agradecimento aos meus amigos e colegas, Nércia Wassiquete, Simon Matebule, Jéssica, Talita Mazive, Ilda Caprichane, Esmeralda Azevedo, Zubaida Marindze e a todos que tornaram possível a concepção deste trabalho, bem como a minha formação.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Caracterização da amostra de alunas	19
Tabela 2: Amostra dos professores e direcção da escola.....	20

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Meios de obtenção do conhecimento sobre o assédio sexual	24
Gráfico 2: Conhecimento da Linha verde 116 para a denúncia da violência e assédio sexual.....	25
Gráfico 3: Conhecimento legal sobre o assédio sexual	26
Gráfico 4 Manifestação do assédio sexual no meio escolar	28
Gráfico 5: Aliciamentos da prática do assédio sexual no meio escolar.....	29
Gráfico 6.Estado psicológico das vítimas do assédio sexual.....	30
Gráfico 7: Motivos do combate do assédio sexual no meio escolar.....	31
Gráfico 8: Conhecimento da legislação sobre assédio sexual	32
Gráfico 9 Protagonista do assédio sexual no meio escolar.....	32
Gráfico 10: Aliciamento do assédio sexual no meio escolar.....	33
Gráfico 11: Mecanismos do combate ao assédio sexual	34
Gráfico 12: Reacção face ao assédio sexual no meio escolar.....	35

LISTA DE SIGLAS

CNU	Convenção das Nações Unidas
FACED	Faculdade de Educação
HIV	Vírus da imunodeficiência humana
OGED	Organização e Gestão da Educação
OMS	Organização Mundial da Saúde
SIDA	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
UEM	Universidade Eduardo Mondlane

RESUMO

Um dos aspectos que mancha a segurança e protecção da rapariga no recinto escolar é o assédio sexual. Trata-se de um fenómeno que traz consequências graves na aprendizagem e formação integral da rapariga. Tomando como o estudo de caso, a Escola Secundária de Matlhemele, o presente trabalho se propôs a compreender o papel da escola no combate ao assédio sexual da aluna. Especificamente, procurou, por um lado descrever as formas de assédio sexual que ocorrem na Escola Secundária de Matlhemele; por outro, identificar as causas do assédio sexual das alunas na Escola Secundária de Matlhemele e por fim, descrever as acções levadas a cabo pela Escola Secundária de Matlhemele no combate ao assédio sexual da aluna. Para a realização do estudo, optou-se pela combinação da abordagem qualitativa-quantitativa. O questionário, análise documental e entrevista estruturada foram utilizados como instrumentos de recolha de dados. A amostra do estudo é de 100 participantes, dos quais 64 são alunas; 34 professores e 2 gestores escolares. Do estudo realizado, conclui-se que o papel da Escola Secundária de Matlhemele no combate ao assédio sexual de alunas consiste na sensibilização da comunidade escolar e não no accionamento de medidas que culminem com o afastamento de assediador, como forma de desencorajamento aos demais professores, visto que são apontados como sendo os protagonistas.

Palavras-chaves: assédio; escola e assédio escolar

ABSTRACT

One of the aspects that undermines the safety and protection of girls on school grounds is sexual harassment. It is a phenomenon that has serious consequences for girls' comprehensive learning and training. Taking the Matlhemele Secondary School as the case study, the present work aimed to understand the role of the school in combating the sexual harassment of the student. Specifically, it waits, on the one hand describing the forms of sexual harassment that occur at Matlhemele Secondary School; on the other hand, identify the causes of sexual harassment of female students at Matlhemele Secondary School and finally describe the actions carried out by Matlhemele Secondary School in combating female student sexual harassment. To carry out the study, we opted for the combination of a qualitative-quantitative approach. The questionnaire, document analysis and structured interview were used as data protection instruments. The study sample comprises 100 participants, of which 64 are students; 34 teachers and 2 school managers. The study concluded that the role of Matlhemele Secondary School in combating the sexual harassment of female students is to raise awareness of the school community and not to apply legal instruments such as the school's internal regulations and the 112 toll free line to trigger measures that culminate with the removal of a harasser, in this case the teacher.

Key words: harassment, school and harassment school

Índice

Declaração de Honra	ii
DEDICATÓRIA	iii
AGRADECIMENTOS.....	iv
LISTA DE TABELA	v
LISTA DE GRÁFICOS	vi
LISTA DE SIGLAS	vii
RESUMO	viii
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO	1
1.1 Contextualização.....	1
1.2 Problema de pesquisa.....	2
1.3. Objectivos	4
1.3.1 Objectivo Geral	4
1.3.2 Objectivos Específicos	4
1.4 Perguntas de pesquisa.....	4
1.5 Justificativa	5
CAPÍTULO II: REVISÃO DA LITERATURA	7
2.1. Definição de conceitos-chave.....	7
2.1.1. Escola.....	7
2.1.2. Assédio.....	7
2.1.3 Assédio sexual.....	8
2.2 Tipos de assédio sexual.....	9
2.2.1 Assédio sexual por Chantagem (assédio sexual <i>quid pro quo</i>).....	9
2.2.2 O assédio sexual por intimidação (assédio sexual ambiental).....	10
2.3 Causas do assédio sexual.....	11
2.4 Estratégias de prevenção de assédio sexual	13
2.5 Assédio sexual da aluna no contexto escolar	14
2.6 O papel da escola no combate ao assédio sexual da aluna no contexto escolar.....	15
CAPÍTULO: III METODOLOGIA	17
3.1 Descrição da Escola	17
Fonte: Imagem frontal da escola	17
3.2 Tipo de estudo	17
3.3 Abordagem metodológica	18
3.4 População e amostra.....	19

3.5. Instrumentos de recolha de dados	21
3.5.1 Análise documental	21
3.5.2 Inquérito por questionário	21
3.5.3 Entrevista estruturada	22
3.6. Técnicas de análise de dados.....	22
3.7. Questões éticas	22
CAPÍTULO VI: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	24
CAPÍTULO V: CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES.....	40
5.1 Conclusão.....	40
5.2 Recomendações.....	41
Referências bibliográficas	42
ANEXO.....	45
APÊNDICES.....	48

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização

Pela natureza silenciosa, o assédio sexual da mulher é conhecido por todos e ao mesmo tempo por ninguém. Este fenómeno tem aumentado de forma significativa no mundo, sendo um fenómeno que decorre em todo e qualquer ambiente, daí que se criou em 1979 a Convenção das Nações Unidas sobre a Eliminação de Todas as formas de discriminação contra as mulheres, visando a protecção das mulheres a nível de trabalho, saúde, direitos civis e políticos, estereótipos sexuais, prostituição e família e educação (Barsted Leila, s/d).

De acordo com a Amnistia Internacional (2007), o assédio sexual da mulher no ambiente educacional tem se destacado nos últimos anos, manifestando-se em agressões a alunas dentro da escola e no percurso escola – casa, elas são humilhadas, gozadas, difamadas e ameaçadas maioritariamente por alunos mais velhos e em outros casos, são alvo de propostas sexuais por parte dos professores em troca de notas, e são até violadas dentro das escolas.

A questão do assédio sexual no ambiente escolar, segundo Osório (2007), ela ocorre entre os alunos, professores e gestores que molestam as raparigas para fins sexuais. Contudo, o cenário mais preocupante para esta autora, é a atitude dos professores, eles chantageiam as alunas ameaçando dar notas baixas nos testes e nos exames, esta é a tática mais usada pelos professores que querem praticar sexo com suas alunas.

No que diz respeito ao contexto educativo moçambicano, o assédio sexual nas escolas constitui um dos dramas sociais que afecta a sociedade, porque nele reside uma das principais causas do aumento dos índices de contaminação pelo HIV/SIDA (Santos, 2011).

De acordo com o Regulamento de Combate à Corrupção e Assédio Sexual (2019), o assédio e violência nas escolas, na maior parte das vezes cometidos por professores, servidores públicos e formandos, resultam em gravidezes precoces, casamentos prematuros, traumas psicológicos e abandono escolar, comprometendo assim o futuro das

raparigas, excluindo-as das oportunidades que o país oferece na vida social, política e económica.

Entretanto, independentemente de quem seja o assediador, o facto é que esta acção constitui uma forma de violação contra a dignidade humana, e que traz consigo consequências que põem em causa o sucesso escolar das vítimas desde as gravidezes precoces e indesejadas, problemas psicológicos, terminado em abandono escolar. É neste contexto, que o presente trabalho centra-se na reflexão acerca do papel da escola no combate ao assédio sexual da aluna no contexto escolar.

Estruturalmente, o trabalho organiza-se em cinco (5) capítulos interligados. O primeiro designado “Introdução” apresenta a Contextualização; o Problema de pesquisa; o objectivo geral e os específicos; Perguntas de pesquisa e por último, a Justificativa.

O segundo capítulo designado “Revisão da literatura” discute os conceitos-chaves do trabalho (escola, assédio e assédio sexual) e a problemática do assédio sexual nas escolas à luz de diferentes autores e abordagens se debruçando nos seguintes tópicos: Tipos de assédio sexual, Causas do assédio sexual, Estratégias de prevenção do assédio sexual, Assédio sexual da aluna no contexto escolar e o Papel da escola no combate ao assédio sexual da aluna.

No terceiro capítulo cognominado “Metodologia”, são descritos os procedimentos metodológicos que nortearam a presente monografia destacando o Tipo de Estudo; Abordagem metodológica; População e Amostra; Instrumentos de Recolha de Dados; Técnicas de Análise de Dados e Questões Éticas.

O quarto capítulo intitulado “Apresentação e Análise dos Dados” é parte central da monografia onde são apresentados os principais resultados da monografia e no quinto e último capítulo, são descritas as conclusões e recomendações.

1.2 Problema de pesquisa

O ambiente escolar é rico em diversidade cultural e social, onde crianças e adolescentes encontram-se em construção de culturas e valores, a escola possui, portanto, o compromisso de formar cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres. Entretanto, apesar de a escola ser um local onde as crianças devem aprender e crescer,

muitas alunas em todo o mundo vão para a escola receando pela sua segurança, temendo humilhações e tratamento violento, esperando simplesmente superar mais um dia (Amnistia Internacional, 2007).

Face ao cenário acima descrito e como forma de minimizar os casos de assédio sexual nas escolas, Vieira (2006) afirma que a escola deve assegurar que os alunos sejam informados sobre os seus direitos, incentivando os jovens a falar sobre o abuso sexual na escola. O autor salienta que os pais e/ou encarregado de educação, professores e toda estrutura pedagógica deve estar ciente de que os alunos merecem um ambiente de aprendizagem em que o abuso sexual seja punível e não como algo com o qual eles devam lidar com naturalidade.

Por sua vez, Silva (2007), refere que o educador deve procurar ser participativo, coordenando às acções desenvolvidas na escola, procurando provocar o debate e a crítica nos estudantes, durante as actividades realizadas na sala de aula. Ainda sobre o assunto, Figueira (2009) aponta que a protecção de todas violações da criança e adolescente (meninos e meninas) na sociedade é tarefa de todos. Seja na família, meio social ou escola.

Como forma de combater todo tipo de abuso e violência contra a mulher em Moçambique, o Governo aprovou vários instrumentos legais, (vide em 3.5.1, p.22) que sumariamente abordam sobre as medidas integradas para prevenir e eliminar a violência praticada contra a mulher no geral e estabelecer um quadro legal para a protecção das alunas no ambiente escolar em particular.

Apesar de serem empreendidas esforços na luta contra o assédio sexual de alunas no ambiente escolar, ainda é visível a visíveis de crimes de violação sexual nas escolas moçambicanas, sobretudo as públicas, onde os professores e os "maiores de idade" assediam-nas em troca de promessas que nem sempre são conhecidas. Portanto, a ausência de uma intervenção imediata e um papel activo das estruturas pedagógicas locais tende a fomentar a propagação de assédio e abuso sexual da rapariga. Conforme refere Muchanga (2006, p.5), a maior parte das escolas públicas estão longe de ser um local seguro para a rapariga, uma vez que elas convivem nos recintos das escolas com os

professores, alunos e pessoas de conduta duvidosa, sendo que todos são apontados como os potenciais protagonistas de abuso sexual.

Sendo o assédio um fenómeno que ocorre em muitas instituições socioeducativas com o destaque a escola, esta por agregar elevado número de pessoas do género feminino, que é principal vítima, formulou-se a seguinte pergunta de partida:

Qual é o papel da Escola Secundária de Matlhemele no combate ao assédio sexual da aluna?

1.3. Objectivos

1.3.1 Objectivo Geral

- ✓ Compreender o papel da Escola Secundária de Matlhemele no combate ao assédio sexual da aluna

1.3.2 Objectivos Específicos

- ✓ Descrever as formas de assédio sexual que ocorrem na Escola Secundária de Matlhemele;
- ✓ Identificar as causas do assédio sexual das alunas na Escola Secundária de Matlhemele
- ✓ Descrever as acções levadas a cabo pela Escola Secundária de Matlhemele no combate ao assédio sexual da aluna.

1.4 Perguntas de pesquisa

- ✓ Quais são as formas de assédio sexual que ocorrem na Escola Secundária de Matlhemele?
- ✓ Quais são as causas do assédio sexual de alunas na escola Secundária de Matlhemele?
- ✓ Que acções são levadas a cabo pela Escola Secundária de Matlhemele no combate ao assédio sexual da aluna?

1.5 Justificativa

O interesse em abordar sobre a temática do assédio sexual da aluna no meio escolar prende-se ao facto de no nível médio, concretamente na 12ª Classe, vezes sem conta, ter vivenciado os casos relativos ao assédio sexual da rapariga, tais como: simulações de contacto físico; agressão verbal e aliciamento, cujo protagonista era o professor.

Naquele período, era comum nos espaços comuns da escola ouvir-se os professores a dizerem: “quero a sua amiga”, ou “aquela sua colega será minha”, “aquela colega eu vou lhe comer”. Do simples discurso, as vezes se transformava em realidade. Como efeito, as raparigas frequentavam a escola com o sentimento de medo dos professores dada a pressão, ameaça e intimidações que sofriam embora fosse de forma indirecta ou mesmo camuflada.

A promessa da transição de uma classe para outra servia de aliciamento e a reprovação era destacada como principal consequência em caso da recusa ao não envolvimento sexual entre professores e alunas.

Em 2017, já no ensino superior, enquanto estudante do 2º ano do curso Organização e Gestão de Educação (OGED) na Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane, (FACED/UEM) acompanhei muitos discursos de certos professores que se enquadravam no assédio sexual.

Durante a realização do curso, através dos módulos de Perspectivas de Género na Educação; Ética e Deontologia Profissional e Educação para Cidadania, fui desenvolvendo competência que me permitisse elaborar um trabalho do final do curso intitulado " O Papel da Escola no Combate ao Assédio sexual. O mesmo toma como estudo de Caso, a Escola Secundária de Matlhemele.

O estudo se reveste da grande importância sobretudo para os actores educativos tendo em conta que o problema aqui descrito as vezes culmina com a desistência e/ou abandono escolar bem como o baixo aproveitamento escolar das alunas. Por outro lado, é importante pois busca despertar aos actores educativos e em particular a figura do presidente do conselho e o director da escola sobre a necessidade da divulgação de casos de assédio sexual que ocorre no meio escolar. De salientar que, por ser um fenómeno sensível tem sido muitas vezes encarado como tabú.

Portanto, espera-se que os resultados desse estudo sirvam de fontes para os futuros pesquisadores que queiram aprofundar a questão do assédio escolar no meio escolar.

CAPÍTULO II: REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo é repartido em duas secções, sendo que na primeira são discutidos os conceito-chaves do trabalho: Escola, Assédio e Assédio Sexual. A segunda secção discute o posicionamento de teóricos e pensadores em torno dos tipos de assédio sexual, causas do assédio sexual, estratégias de prevenção do assédio sexual, assédio sexual da aluna no contexto escolar e o papel da escola no combate ao assédio sexual da aluna.

2.1. Definição de conceitos-chave

2.1.1. Escola

Para Silva (1993), escola é uma instituição onde se realiza o direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente acção formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização de uma determinada sociedade.

Por seu turno, Basílio (2014) concebe a escola como um estabelecimento onde se dá qualquer género de instrução de que o Homem precisa para o seu enquadramento na vida em sociedade. Ainda na reflexão deste autor a escola é “um instrumento de transmissão de valores básicos de suporte de uma sociedade a nível da estandardização de comportamento, bem como ao nível de diversificação. Por isso a escola deixou de ser apenas aquele espaço físico, mas todo o ambiente que liga aos pais até a escola.

Conforme refere Silva (1993) a escola deve contribuir no desenvolvimento da personalidade, na formação de carácter e de cidadania do educando, deve assegurar a sua formação cívica e moral, assegurar o direito à diferença, desenvolver a capacidade para o trabalho e proporcionar uma sólida formação geral e uma formação específica para a ocupação de um justo lugar na vida activa, que permita ao aluno ter uma participação activa no progresso da sociedade de acordo com os seus interesses.

2.1.2. Assédio

De acordo com Hirigoyen (2010), a expressão assédio, corresponde ao termo inglês "*sexual harassment*", que traz, em si, a ideia de insistência, reiteração nas propostas,

convites para a prática de acto com conotação sexual, sendo então, toda e qualquer conduta abusiva manifestando-se sobretudo por comportamentos, palavras, actos, gestos, escritos que possam trazer dano à personalidade, à dignidade ou à integridade física ou psíquica de uma pessoa.

Cunha (2017) conceitua o assédio como sendo um fenómeno polémico, incómodo, constrangedor, hostil e humilhante, em ofensa manifesta a valores essencialmente privados e íntimos, ferindo o mais ético concernente a dignidade da pessoa humana, a integridade física e moral, ao desenvolvimento da personalidade, a reserva da intimidade da vida privada e familiar, a liberdade e autodeterminação sexual, a igualdade e a não discriminação.

Por seu turno, Garrido (2002) citado por Hirigoyen (2010), afirma que o assédio compreende diferentes comportamentos de perseguição ao longo do tempo; esta perseguição é vivida pela vítima como uma ameaça, e é potencialmente perigosa, que varia desde a um telefonema a marcar encontros ou o simples facto de amedrontar a mulher com palavras ou actos mais invulgares.

Sobre a manifestação do assédio sexual, Cunha (2017) advoga é em duas categorias comportamentais: assédio moral e assédio sexual. Na mesma linha de pensamento, Koubi (2006) refere que a palavra assédio ganha sentido apenas quando acompanhada de um adjectivo, que determina os comportamentos que apontam quaisquer desvios nas relações interpessoais, sejam eles de teor sexual, moral, entre outros.

Diante das diferentes perspectivas apresentadas, o presente trabalho se guia pela perspectiva de Cunha (2017) e Koubi (2006) por apontarem que o assédio sempre está atrelado a componente moral ou sexual das vítimas. Nesta ordem de ideias, elegeu-se o assédio na perspectiva sexual.

2.1.3 Assédio sexual

O assédio sexual é toda conduta de natureza sexual não desejada que, embora repelida pelo destinatário, é continuamente reiterada, cercandolhe liberdade sexual. O autor

acrescenta ainda que, por se constituir em uma violação do princípio de livre disposição do próprio corpo, esta conduta estabelece uma situação de profundo constrangimento (Lippmann, 2004).

Queiroz (2001) define assédio sexual como uma situação em que um indivíduo é submetido por um outro de modo a obter gratificação sexual. Envolve o emprego, persuasão, indução, coerção ou qualquer experiência sexual que interfira na saúde do indivíduo incluindo componentes físicos, verbais e emocionais.

De acordo com Cunha (2017) o assédio sexual é todo comportamento indesejado ou não recíproco de carácter sexual sob forma verbal, não-verbal ou física, com o objectivo ou efeito de ofender, perturbar ou constranger a pessoa, afectar a sua dignidade, liberdade e autodeterminação sexual, integridade física e moral ou de lhe criar um ambiente vergonhoso, intimidativo, hostil, degradante, humilhante ou desestabilizador.

Dentro deste espírito de conceptualização e tendo em conta a pesquisa dos autores, entendemos o assédio sexual, como qualquer comportamento ou acções de natureza sexual, não pretendidos pela vítima; uma atitude constrangedora de alguém com intuito de levar vantagem ou favorecimento sexual, na sua maioria cometido por homens que exercem uma condição de superioridade hierárquica ou não em relação às mulheres.

2.2 Tipos de assédio sexual

Os autores, Rodolfo (2002); Costa e Silva (s/d) e Santos (1999) classificam o assédio sexual em duas modalidades ou espécies, com características diferentes a saber: assédio sexual por chantagem e o assédio sexual por intimidação ou ambiental

2.2.1 Assédio sexual por Chantagem (assédio sexual *quid pro quo*)

Segundo Costa e Silva (s/d), esta primeira modalidade ocorre quando o sujeito activo do assédio ocupa uma posição hierárquica superior ao perseguido, valendo-se desta para obter sua intenção sexual.

Neste tipo de assédio sexual, o agente exige da vítima a prática (e/ou a aceitação) de uma determinada conduta de natureza sexual, não desejada, sob a ameaça da perda de um determinado benefício (Rodolfo, 2002, p.18).

O autor sustenta ainda que nesta espécie o assediador pretende que a vítima pratique determinado acto de natureza sexual, não com a ameaça, mas sim com a promessa de ganho de algum benefício, cuja concessão dependa da anuência ou recomendação do agente, é justamente em função desta "barganha" de natureza sexual, é que esta forma de instigação é conhecida como assédio sexual *quid pro quo*, que quer dizer, literalmente, "isto por aquilo".

O assédio sexual *quid pro quo* é, portanto, uma consequência directa de um abuso de uma posição de poder, de que o agente é detentor. Por isto mesmo, a sua verificação se dá, potencialmente, em todas as formas de relações sociais em que há uma discrepância de poder, como, por exemplo, o campo educacional- professores X discípulos; desporto, dirigentes de clubes-treinadores X atletas; hospitalar- médicos e auxiliares X pacientes; e religioso- sacerdotes X fiéis (Rodolfo, 2002).

2.2.2 O assédio sexual por intimidação (assédio sexual ambiental).

Para Rodolfo (2002), o assédio sexual por intimidação é uma forma muitas vezes difusa, que viola o direito a um meio ambiente sexualmente sadio daí, a expressão assédio sexual ambiental.

O assédio sexual ambiental é aquele que se caracteriza por incitações sexuais inoportunas, solicitações sexuais ou outras manifestações da mesma índole, verbais ou físicas, com o efeito de prejudicar a actuação de uma pessoa ou de criar uma situação ofensiva, hostil, de intimidação ou abuso no ambiente em que é intentado (Santos, 1999).

De acordo com Costa e Silva (s/d) o assédio sexual por intimidação estabelece-se através de: ofensas verbais (gostosa, piranha, delícia etc); piadas de cunho sexual; olhadas lascivas e maliciosas ou fixas e ameaçadoras; comentários obscenos, chulos sobre seios, nádegas e órgãos genitais; fotos, protectores de tela e pósteres em que a nudez/pornografia estejam presentes; correio electrónico, bilhetes e outros escritos de cunho sexual; passar a mão nas partes íntimas; comparações maliciosas entre a vítima e outras pessoas; tocar ou roçar o corpo do assediado de forma forçada, não quista e intencional; os agarrões, beliscões e, ainda, os assobios comuns nesta prática; atirar objectos ao solo para pedir que

as mulheres de saia os recolham, insinuações de como vestir para destacar os seios e/ou pernas.

Nesta espécie, o elemento poder é irrelevante, sendo o caso típico de assédio sexual praticado por companheiro de trabalho da vítima, ambos na mesma posição hierárquica na empresa. O aspecto fundamental, portanto, não é a existência de ameaças, mas sim a violação ao seu "direito de dizer não", através da submissão – notadamente de mulheres - a avanços repetidos, gestos sexistas (mesmo que sua recusa não seja seguida de represálias).

Por seu turno, um estudo realizado por Matavele (2005), mostra que as formas físicas de abuso envolvendo força são mais reconhecidas que as formas verbais na percepção das alunas, por exemplo “as carícias sem consento e as insinuações indecentes são as manifestações de abuso menos reconhecidas tanto pelos rapazes como pelas raparigas”. Esta situação em que o assédio verbal e ou psicológico é menos reconhecido do que uma manifestação física de assédio, embora seja igualmente danoso à saúde das crianças com efeitos de longo prazo, se pode dar pelo facto das normas sociais e culturais predominantes entenderem violência e agressão com evidências físicas, enquanto as outras formas são menos repudiadas e mais passíveis de serem toleradas pela sociedade. Assim, faz-se relevante dar a conhecer as diferentes formas de assédio sexual que não envolvem força física.

2.3 Causas do assédio sexual

Em relação as causas que levam ao assédio sexual, Santos (1998) afirma que a primeira deles é o abuso do poder onde um adulto mais desenvolvido físico e psicologicamente possui mais recursos para dominar. Uma segunda causa reside nos traços da personalidade do perpetrador. Nesse sentido, o mesmo autor afirma que estados psicóticos ou perversos, depressão, baixo controle dos impulsos, problemas neuróticos, baixa tolerância ao Stress, bem como o uso do álcool e outras drogas são causas relevantes para a compreensão desse problema. O autor refere ainda que em muitos casos, o perpetrador sabe que é uma acção errada e que isso constitui um crime.

O mais preocupante nos casos, é que em geral as vítimas convivem muito frequentemente com o risco. A situação de risco, neste caso, é compreendida pelo conjunto de eventos negativos presentes na vida da pessoa em desenvolvimento e que aumentam a probabilidade de surgirem problemas físicos, sociais e emocionais (Yunes, Miranda e Cuello, 2004).

Nesta mesma senda dos riscos que caracterizam as vítimas a (OMS) Organização Mundial da Saúde, (2011) diz que as vítimas de violência apresentam ainda tendencialmente comportamentos de risco que por sua vez as colocam em situações de maior vulnerabilidade. Nisto, o abuso sexual em criança está associado a maiores níveis de comportamentos de risco sexual como sejam a iniciação sexual precoce, múltiplos parceiros, e sexo desprotegido. É frequente o recurso ao abuso de substâncias e vulnerabilidade a novas situações de vitimização. Cada um destes comportamentos está associado, portanto a outros riscos para a saúde.

A maioria dos casos de assédio sexual de crianças acontece, independentemente das sociedades e estratos sociais, no próprio meio familiar (incesto) e educacional das crianças. Prevalendo a mentalidade de aceitação da violência no meio familiar e contra a mulher o que faz com que esta seja bastante comum (Ministério da Mulher e Acção Social, 2004, p.38). Consequentemente, as vítimas sentem-se incapazes de lutar pelos seus direitos e ao invés de denunciarem os casos à polícia tendem a buscar apoio no seio da família e nos mecanismos informais e tradicionais de aconselhamento cuja resolução de conflitos está fora da instituição oficial e legal (polícia e tribunais).

Para Save The Children (2003) nestes casos da violência dentro das famílias, as pessoas não precisam sair de casa, pois “elas presenciam diariamente, no ambiente familiar, os actos violentos e hostis que, certamente, agem contra a sua natureza e têm influência destruidora em seu desenvolvimento.

Vicente (2012) afirma que quando se fala em violência e abuso sexual das raparigas moçambicanas não se pode ignorar o contexto social, económico e político onde estas temáticas estão inseridas. No contexto sociocultural, sustenta ele que, existem crenças culturais e práticas comunitárias (informais) inconsistentes com as legislações oficiais que comprometem os direitos humanos em geral e os direitos das mulheres e crianças em particular.

Explica ainda que, entre as crenças culturais estão a discriminação e o estigma social face às vítimas de violência e abuso sexual; papéis sociais rígidos desiguais entre homens sobre mulheres, e entre adultos sobre crianças; responsabilização da criança em prol do adulto; diferentes concepções do que é “consentimento” e o que é abuso sexual e violência.

Quanto às práticas comuns mais violentas e que comprometem o cumprimento da legislação legal estão o casamento prematuro/precoce, combinado ou forçado; favores sexuais em troca de bens; resolução de conflitos de forma informal e apaziguadora sem punição para os perpetradores; e ritos de iniciação que cujos factores socioculturais, na sociedade moçambicana, promovem o casamento das raparigas logo após a primeira menstruação e antes da primeira relação sexual, (Vicente, 2012).

De acordo com Save The Children (2005) há nomeadamente formas de abuso, atitudes e percepções. Os resultados do estudo mostram uma diferença entre as zonas rurais/urbanas que pode ser explicada pelo facto de as pessoas nas zonas rurais terem normalmente níveis de educação mais baixos, estarem mais isoladas que leva a falta de informação e pobreza. Acrescentando estão os costumes tradicionais locais. Salientaram como factores que levam a um ambiente abusivo as normas sociais e costumes tradicionais que se sobrepõem ao sistema judicial existente em Moçambique.

Ainda na óptica de Vicente (2012) as reacções entre as vítimas de violência e assédio sexual, manifestam-se da seguinte forma:

- ✓ **Sintomas emocionais** - estão os sintomas depressivos, ansiedade, medo, pensamentos suicidas;
- ✓ **Sintomas físicos** - perturbações alimentares e do sono, dores de cabeça, dores de estômago, cansaço, distúrbios gastrointestinais, e sensações de mau estar geral;
- ✓ **Sintomas cognitivos**- dificuldades de concentração e memória, hiper-vigilância, pesadelos, flashback dissociação, falta de confiança nos outros.

2.4 Estratégias de prevenção de assédio sexual

Furniss (1993) advoga que a prevenção do abuso sexual e todas as formas de violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes ocorrerá em diferentes níveis:

- ✓ A prevenção primária é constituída por campanhas de consciencialização da população sobre o problema, sensibilização das pessoas que trabalham com crianças e adolescentes;
- ✓ Educação às crianças para o reconhecimento do adulto que quer dar carinho e atenção (“toque bom”) daquele que quer se utilizar do seu corpo (“toque ruim”) e
- ✓ Educação aos pais, através da discussão da não utilização da força física no processo disciplinador, do desenvolvimento da sexualidade infantil, por exemplo.

Como prevenção secundária se incluem os programas e actividades de suporte emocional e social às famílias em situação de risco.

E, finalmente, como prevenção terciária, há o encaminhamento dos casos suspeitos e confirmados a um tratamento psicossocial e jurídico, sensibilização e capacitação dos profissionais de saúde para atendimento às vítimas de violência doméstica e atendimento e acompanhamento ao agressor.

2.5 Assédio sexual da aluna no contexto escolar

O assédio sexual, ocorre onde se mantem relações hierárquicas ou não entre o perpetrador e a vítima, neste sentido não se pode negar que o ambiente educacional de certo modo os actores lá existentes mantem relação entre eles: professores com alunos (as), aluno e alunas, entre outras. Como preconiza o Programa Conjunto sobre Género e HIV e SIDA (2009), o assédio sexual é uma realidade nas escolas moçambicanas e pode ser praticado por professores, funcionários e pelos colegas da aluna.

Para Osório (2007) o assédio sexual é objecto de rumores pelos alunos, é reconhecido como um acto visando estabelecer favores sexuais em troca do aproveitamento escolar das alunas. O autor identifica três posições relativamente ao perfil das raparigas no contexto de assédio sexual: as que são assediadas e se conformam (70%), as que assediam (10%) e as que resistem ao assédio (20%).

Por outro lado, Maffei da Silva (1995). A acusação e a responsabilização das meninas pelo assédio de que são vítimas, mostram bem como, na incorporação do modelo cultural na construção do feminismo, as mulheres são cúmplices e agentes da sua submissão: a noção de decência relativamente ao vestuário é uma forma de dominação, isto é, as

raparigas “descontroladas” que usam saias curtas expõem-se a uma violência que é social e culturalmente legítima. Significa que o “descontrolo feminino” justifica e despenaliza o assédio, fazendo da vítima agente do seu próprio sofrimento.

Segundo Mosse e Cortez (2006), uma das grandes formas de extorsão no sector da educação em Moçambique se dá por via do sexo, os professores usam a intimidação e a ameaça para fazer com que as alunas lhes prestem favores sexuais em troca de uma passagem de classe. Noutros casos, a cobrança de sexo acontece quando determinada aluna não tem dinheiro para pagar o professor; caso a aluna se recuse chumba de classe, o que faz com que esta opte por mudar de escola.

A Action Aid (2008) refere que o abuso/assédio sexual na educação consiste em:

- ✓ Molestar ou atacar sexualmente uma rapariga ou permitir que este acto ocorra na escola ou fora dela, protagonizado por professores seus ou outros funcionários da escola, em troca de benefícios materiais, nota para passar, matrícula, entre outros.
- ✓ Encorajar ou forçar uma rapariga a ser usada para a satisfação sexual de professores, funcionários da escola, ou mesmo elementos da comunidade numa situação de desigualdade e coerção;
- ✓ Envolvimento de uma rapariga em qualquer acto ou actividade sexual com um adulto ou outra pessoa mais velha, ligados ao estabelecimento de ensino que frequenta, antes da idade ou de consentimento reconhecido legalmente.

O assédio sexual e a violência sexual começam a surgir como barreiras para o acesso e a permanência da rapariga na escola, conclui ainda que, o baixo índice da rapariga na escola resulta do facto de a escola não fornecer segurança para a progressão da rapariga (Bagnol, 1997)

2.6 O papel da escola no combate ao assédio sexual da aluna no contexto escolar

Segundo Oliveira (2012), a escola é o espaço onde as diferenças se encontram, diferenças de valores, educação familiar, religião e cultura, a diversidade faz da escola um local permanente de potenciais conflitos. Daí que a escola deve actuar como motor do

desenvolvimento humano, da redução dos níveis de pobreza e desigualdades e do combate às exclusões e de iniciação ao processo de construção do pensamento crítico.

Importa à escola, ter um olhar perceptivo voltado para toda e qualquer situação de violência sexual, desigualdades, discriminação, entre outras, dentro e fora da sala de aula, pois a mesma é um espaço mediador do desenvolvimento do ser humano não só para o campo educacional, mas também para o campo ético, político, social e das relações humanas.

A necessidade de mudança do quadro de assédio sexual e de outras violências contra a mulher, é gritante, precisa-se urgentemente de providências para que as mulheres sejam respeitadas. Para tanto, é muito importante que a escola enquanto espaço privilegiado de formação do ser humano, intervenha, que adopte uma política igualitária e que o educador procure compreender o universo paralelo dos alunos, como pensam e agem dentro e fora do âmbito escolar.

Apple e Beane (2000) sugerem que deve-se criar estruturas e processos democráticos que orientem a vida escolar bem como a construção de um currículo que faculte experiências democráticas aos jovens. Nesta perspectiva, uma escola democrática é aquela que indispensavelmente se pauta por uma participação ampla de todos os seus intervenientes desde docentes e não docentes, alunos, pais e outros membros da comunidade educativa ainda que para tal surjam conflitos e controvérsias.

CAPÍTULO: III METODOLOGIA

O presente capítulo apresenta os aspectos metodológicos que guiaram a pesquisa descrevendo a escola, o tipo de estudo; abordagem metodológica; população e amostra; instrumentos de recolha de dados; técnicas de análise de dados e Questões éticas.

3.1 Descrição da Escola

A Escola se localiza no bairro de Mathemele. Ela funciona desde 2015 com apenas 8 salas. Começou com a 8ª Classe e gradualmente foi introduzindo as classes subsequentes. A escola possui 3 pavilhões, 18 salas operacionais e 4 ainda em construção. A mesma tem 1 gabinete do director, 1 gabinete do pedagógico e 2 compartimentos que funcionam como secretaria, 1 sala dos professores, 2 casas de banho, sendo uma para sexo masculino e outro feminino.

Quanto aos recursos humanos, a escola tem 11 pessoal técnico-administrativo, sendo 1 jardineiro; 3 guardas; 2 de limpeza e 5 da secretaria.



Fonte: Imagem frontal da escola captada pela pesquisadora

3.2 Tipo de estudo

Para a elaboração do trabalho, o método de pesquisa adoptado foi o estudo de caso. De acordo com Gil (1999) este é um estudo empírico que investiga um fenómeno actual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenómeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência. Ainda

para Costa e Costa (2013), o estudo de caso é uma pesquisa limitada a uma ou poucas unidades, sendo esta uma pesquisa detalhada e profunda.

Neste contexto, o estudo de caso permitiu que se recolhesse dados sobre as formas, causas e acções realizadas com vista ao combate do assédio sexual de aluna na Escola Secundária de Matlhemele.

3.3 Abordagem metodológica

Para a realização do presente trabalho, pautou-se pela combinação da abordagem quantitativa e qualitativa. De acordo com Gerhart e Silveira (2009), a abordagem quantitativa é toda aquela em que se foca em aspectos mensuráveis da experiência humana, permitindo deste modo com que sejam quantificados, enquanto a qualitativa oferece-nos mais mecanismos para captar aspectos não mensuráveis ou quantificáveis (em oposição ao quantitativo).

O uso das duas abordagens deveu-se, por um lado, ao facto de pretender-se compreender o tema a partir dos estudos já realizados incidindo sobre o tema em destaque. Por outro lado, colher e discutir-se as percepções dos actores educativos (alunas, professores e gestores) que estão envolvidos no fenómeno assédio sexual que ocorre no espaço socioeducativo escolar.

3.4. Quanto a natureza

A pesquisa quanto a sua natureza refere-se concretamente há duas classificações nomeadamente: a pesquisa básica e aplicada (Gil,2010).

Pesquisa Básica: gera conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais, (Kauark, et al 2010).

Pesquisa Aplicada: gera conhecimentos para aplicação prática, dirigida à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais, (Kauark, et al 2010).

3.5. Quanto aos objectivos

Segundo Gil (2010) do ponto de vista de seus objectivos esta pesquisa assume-se como **Pesquisa Exploratória** por proporcionar maior familiaridade com o problema com vista a torná-lo explícito ou construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico,

entrevistas com pessoas que tiveram experiência com o problema pesquisado. Assume, em geral, as formas de pesquisa bibliográfica e estudo de caso.

3.6 População e amostra

De acordo com Richardson (2009), população é o conjunto de participantes que possuem pelo menos uma característica comum. O mesmo autor define amostra como sendo qualquer subconjunto do conjunto universal ou populacional.

A população do presente trabalho é constituída por 68 professores; 2 gestores e 644 alunas, sendo que a amostra da pesquisa foi de 102 participantes, das quais 64 alunas; 34 professores e 2 gestores escolares.

Para a extracção da amostra, recorreu-se à amostragem não probabilística por acessibilidade. Na visão de Gil (2008) ela consiste em o pesquisador seleccionar elementos que tiver acesso, no entanto, os indivíduos empregues nesta pesquisa foram seleccionados porque mostraram-se disponíveis.

Tabela 1: Caracterização da amostra de alunas

Característica	Variável	Frequência	Percentagem
Sexo	Masculino	0	
	Feminino	64	100
Idade	12 Anos		
	13 Anos	10	16%
	14 Anos	20	31%
	15 Anos	12	19%
	16 Anos	22	34%
Classes	8ª Classe	10	16%
	9ª Classe	8	10
	10ª Classe	12	19%
	11ª Classe	16	25
	12ª Classe	18	31
	Total	64	100%

Fonte: Dados extraídos na base do número da população

A partir dos dados apresentados na tabela 1, se pode constatar que somente foram envolvidas participantes do sexo feminino. Isto deveu-se ao facto de o trabalho abordar sobre o assédio sexual na perspectiva particular que é o da aluna, principal vítima no meio escolar.

Sob premissa de que o assédio sexual é um fenómeno que se manifesta independentemente da classe em que a aluna estiver a frequentar ou a idade que tenha, o estudo envolveu participantes de todas classes leccionadas pela escola.

A inclusão das alunas de todas classes no estudo permitiu-nos colher percepções não lineares à volta dos contornos do assédio na Escola Secundária de Matlhemele.

Tabela 2: Amostra dos professores e direcção da escola

Sexo	M	22		???
	F		12	???
Faixa etária	20-30 Anos		4	12%
	31-40 Anos	2	4	18%
	41-50 Anos	8	5	38%
	+ 51 Anos	6	5	32%
Grau académico	Básico			
	Médio	3	6	26%
	Licenciado	13	7	59%
	Mestrado			
	Doutorado			
Tempo de serviço	1-5 Anos	8	7	43%
	6-10 Anos	2	6	23%
	11-15 Anos	3	4	20%
	+ 15 Anos	1	3	11%
Tempo na função	5 Anos			
	7 Anos			
	Total			

Da análise feita mediante as variáveis patentes na tabela 2, compreende-se que em relação aos participantes do estudo, não houve equilíbrio do género entre professores e gestores.

No que toca a faixa etária, a maioria dos participantes situa-se entre os 31-40. A idade dos participantes da pesquisa é aceitável, isto é, há uma relação entre o grau ostentado bem como o tempo de serviço.

Em suma, os participantes do estudo possuem um perfil pessoal e profissional que permitiu com que os objectivos da pesquisa previamente traçados fossem alcançados.

3.7. Instrumentos de recolha de dados

Como instrumentos de recolha de dados, recorreu-se a análise documental; inquérito por questionário e entrevista semi-estruturada.

3.7.1 Análise documental

De acordo com Gil (1999), análise documental consiste na consulta de material já existente, podendo ser em forma de livros, artigos científicos e outro tipo de material que possibilitam a recolha da informação sobre um determinado assunto. Para este estudo, recorreu-se, igualmente, aos instrumentos legais que abordam sobre a violência e assédio sexual, tais como: Plano Nacional de Acção para a Prevenção e Combate à Violência Contra a Mulher (2008-2012); Regulamento de combate à corrupção e assédio sexual (2019) e Plano Nacional de Prevenção e Combate à Violência baseada no género (2018-2021).

3.7.2 Inquérito por questionário

Segundo Quivy e Campenhoudt (2005:188),

“Permite colocar a um conjunto de indivíduos uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse aos investigadores”.

Segundo Giddens (2000) citado por Escarameia (2008), o inquérito por questionários permite a recolha eficaz de informações relativas a um elevado número de pessoas e possibilita uma comparação precisa entre as respostas dos inquiridos, sendo estas quantificadas e analisadas mais facilmente que na maioria de outros métodos e investigação.

Do universo populacional do estudo, as alunas e professores se apresentam em maior número em relação aos gestores escolares, daí que para o processo da recolha de dados a

este grupo, recorreu-se ao inquérito por questionário e a entrevista estruturada para os gestores conforme é descrito no *item* a seguir.

3.7.3 Entrevista estruturada

Na óptica de Gerhard e Silveira (2009), a entrevista estruturada “segue um roteiro previamente estabelecido, onde as perguntas são predeterminadas e não abre espaço para outras questões que podem vir a surgir durante a entrevista”. Numa outra abordagem, o mesmo autor refere que esta é “uma técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação”. Pode ter carácter exploratório quando relativamente estruturada ou de colecta de informações, quando é altamente estruturada (p.72).

A entrevista estruturada foi empregue aos gestores com vista a identificar-se as formas, causas e acções levadas a cabo pela Escola Secundária de Matlhemele no combate ao assédio sexual da aluna.

3.8. Técnicas de análise de dados

Após a elaboração dos instrumentos de recolha de dados, seguiu-se ao processo da análise de dados definido para a realização da pesquisa. Para garantir-se a transparência dos resultados, os dados recolhidos através do inquérito por questionário foram analisados através do Excel, versão 10.

Quanto aos dados resultantes da aplicação da entrevista estruturada, foram analisados com recurso a técnica de análise de conteúdo.

3.9. Questões éticas

Para a realização do estudo, solicitou-se credencial na FACED/UEM com vista a recolha de dados na Escola Secundária de Matlhemele, (Vide em Anexo I, p.45). Pautamos pelo consentimento dos participantes após a explicação dos objectivos do estudo sob forma de levarmos em consideração a nossa sensibilidade na qualidade de pesquisadores.

Procedemos a anonimização das entrevistas, usando as codificações (G.1 e G.2) para evitarmos o uso de nomes nos depoimentos, garantindo a confidencialidade, buscamos também formas de nos adequar às necessidades dos entrevistados no momento da

conversa, ou seja, houve vezes em que precisavam atender ligações telefônicas e necessidades biológicas, dava-se uma pequena interrupção para o efeito.

No final da pesquisa, a Escola redigiu uma declaração que comprova que deveras o estudo ter-se-ia realizado na Escola Secundária de Matlhemele (Anexo II, p.47)

CAPÍTULO VI: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo diz respeito a apresentação, análise e interpretação dos dados obtidos na pesquisa realizada Escola Secundária de Matlhemele. Para o efeito, recorreu-se aos objectivos específicos e respectivas perguntas de pesquisa.

Descrição das respostas do questionário administrado aos alunos da Escola Secundária de Matlhemele

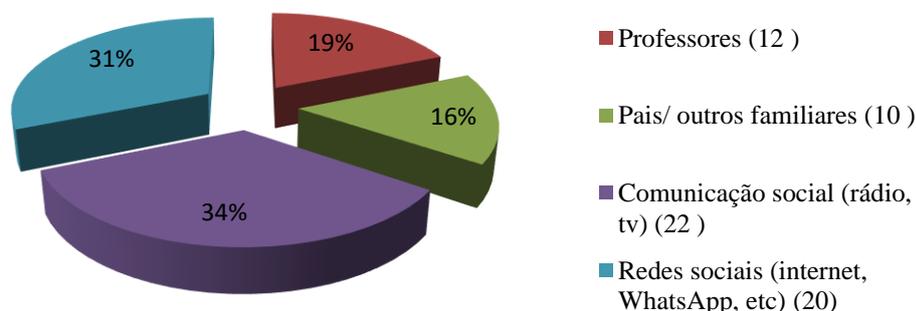
1. Meios de obtenção do conhecimento sobre o assédio sexual

Partindo da premissa segundo a qual, as alunas tinham conhecimento sobre o assédio sexual, procurou-se saber como teriam obtido tal conhecimento.

Conforme ilustra o gráfico abaixo, 34% das inquiridas correspondentes a 22 alunas escolheram a opção *rádio e televisão* como principal meio. Em seguida, 31% das inquiridas a razão de 20 alunas, apontaram as redes sociais com o destaque ao What Supp e Facebook.

As opções que pressupõem a interacção humana como fonte de conhecimento sobre o assédio (conversa com os professores e pais e/ou encarregados de educação) foram escolhidas pelo menor número, facto que nos leva a concordarmos com Bomfim (2009), ao afirmar que a sexualidade dos alunos na escola assim como na família é pouco discutida devido uma série de tabus e preconceitos que caracterizam esta temática, e para o caso da escola, isso se traduz num dos desafios da gestão escolar.

Gráfico 1: Meios de obtenção do conhecimento sobre o assédio sexual



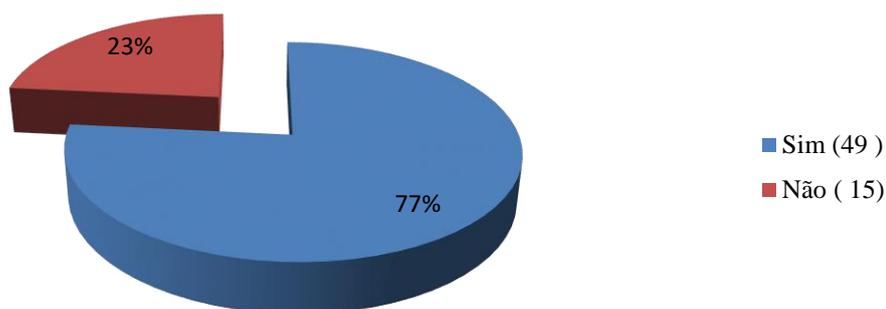
Fonte: compilação dos dados de pesquisa

2. Conhecimento da linha verde 116 para a denúncia da violência e assédio sexual

Em Moçambique, o Governo criou um dispositivo para a denúncia de violência e assédio sexual. Sendo o dispositivo um meio a ser accionado por qualquer grupo de pessoas, procurou-se apurar das alunas se tinham ou não o conhecimento sobre deste meio.

Cerca de 77% das inquiridas correspondentes a 49 alunas escolheram a opção que considera que as participantes possuem conhecimento da linha verde 116. Logo, ao nível da Escola Secundária de Matlhemele está assegurado o mecanismo de denúncia em caso da violência e assédio sexual que eventualmente sofrem no espaço socioeducativo escolar.

Gráfico 2. Conhecimento da Linha verde 116 para a denúncia da violência e assédio sexual



3. Conhecimento legal sobre o assédio sexual

O assédio sexual é um fenómeno tipificado como crime no quadro jurídico-legal moçambicano, daí que, existem vários instrumentos legais que penalizam a sua prática, tais como o Código Penal e o Diploma Ministerial 36/2019 de 17 de Abril (Regulamento de combate à corrupção e assédio sexual (2019) a Lei da família, O Direito da Criaças e o Regulamento interno da escola. das este último incidindo especificamente na área educacional. Nesta ordem de ideias, quis-se saber se as alunas conheciam ou não os instrumentos legais (Lei da Família e a Lei a Declaração dos Direitos das Crianças), como fontes primarias ou secundarias de combate o assédio sexual. Foram excluídas do

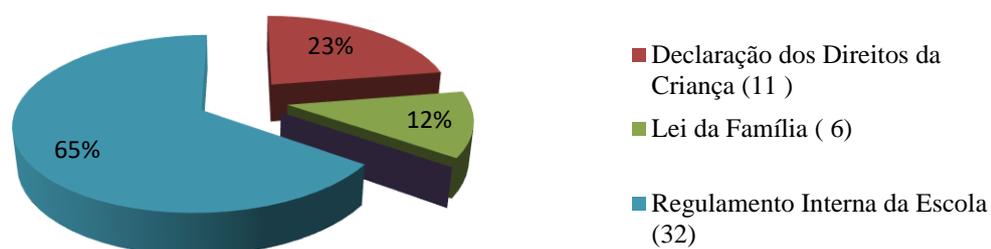
inquérito a pergunta sobre o Código Penal e o Diploma Ministerial 36/2019 de 17 de Abril por serem documentos jurídicos bastante específicos, e mais conhecidos pelos cultores do direito.

O gráfico abaixo indica que 65% das inquiridas correspondentes a 32 alunas escolheram a opção que permite nos aferir que o conhecimento adquirido sobre o assédio sexual advém do Regulamento Interno da Escola, embora, na pergunta sobre os meios de obtenção de conhecimento sobre o assedio sexual, as inquiridas tenham apontado a tecnologia e não os professores, pais e/ou encarregados de educação como principal fonte de transmissão de informação sobre o assedio sexual.

No nosso entendimento, para além dos gestores escolares, os professores têm a obrigação de dar a conhecer aos alunos acerca dos instrumentos normativos que regem a escola, sendo que o principal, é o Regulamento Interno da Escola. No dia-a-dia das aulas, reuniões de turmas e trimestrais envolvendo toda comunidade escolar, os professores tem a incumbência de transmitir os deveres e direitos que os alunos têm para com a escola.

Vieira (2006) defende que a escola deve assegurar que os estudantes sejam informados sobre os seus direitos, incentivando os jovens a falar sobre o assédio com a escola. O autor reforça que os pais, professores e toda estrutura pedagógica devem estar cientes que os alunos merecem um ambiente de aprendizagem em que o assédio sexual seja punível e não como algo com a qual eles devam lidar com naturalidade.

Gráfico 3: Conhecimento legal sobre o assédio sexual



4. Manifestação do assédio sexual no meio escolar

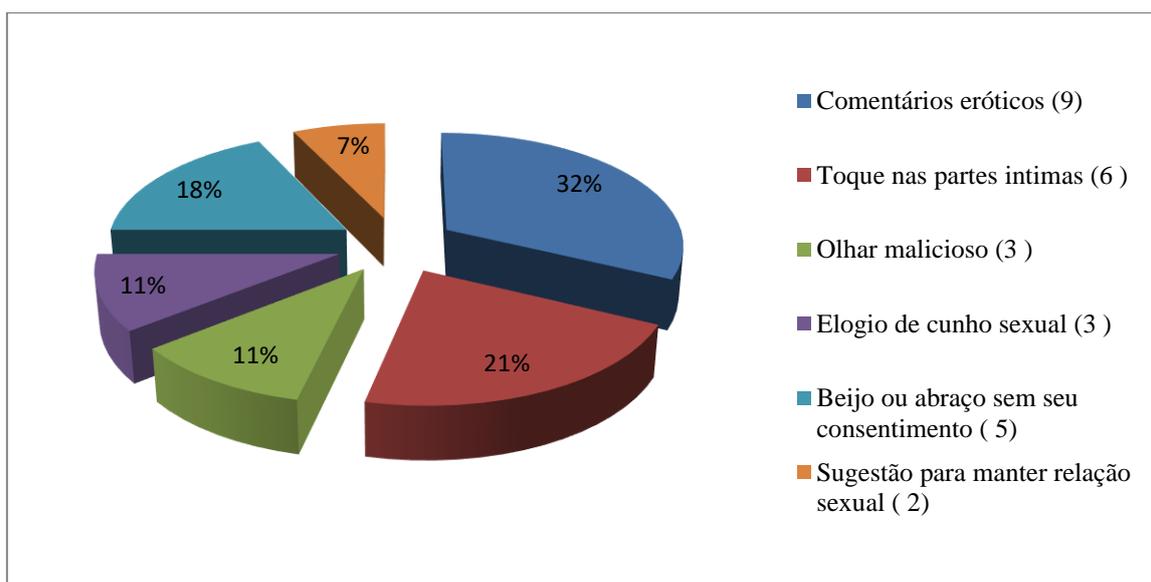
O assédio sexual é um acto que ocorre quando é exteriorizado. Existem várias formas através das quais se pode considerar que se está perante a manifestação do assédio sexual. Nesta ordem de ideias, procurou-se com a pergunta abaixo identificar quais são as tais manifestações.

Diferentemente das demais opções, nesta pergunta, todas as opções foram escolhidas pelas alunas, por exemplo, 32% das inquiridas equivalentes a 9 alunas escolheram a opção que diz que a manifestação é por meio de comentários eróticos. Por seu turno, 18% das inquiridas relativo a 6 alunas apontam a questão de toques nas partes íntimas e 11% das inquiridas correspondentes a 5 revelam o beijo ou abraço sem o consentimento da vítima.

Um estudo realizado por Matavele (2005), mostra que as formas físicas de abuso envolvendo força são mais reconhecidas que as formas verbais na percepção das alunas, por exemplo “as carícias sem consenso e as insinuações indecentes são as manifestações de abuso menos reconhecidas tanto pelos rapazes como pelas raparigas”. Esta situação em que o assédio verbal e ou psicológico é menos reconhecido do que uma manifestação física de assédio, embora seja igualmente danoso à saúde das crianças com efeitos de longo prazo, se pode dar pelo facto das normas sociais e culturais predominantes entenderem violência e agressão com evidências físicas, enquanto as outras formas são menos repudiadas e mais passíveis de serem toleradas pela sociedade. Assim, faz-se relevante dar a conhecer as diferentes formas de assédio sexual que não envolvem força física.

De acordo com Costa e Silva (s/d,) o assédio sexual ambiental estabelece-se através de: ofensas verbais (gostosa, piranha, delícia etc); piadas de cunho sexual; olhadas lascivas e maliciosas ou fixas e ameaçadoras; comentários obscenos, chulos sobre seios, nádegas e órgãos genitais; fotos, protectores de tela e pósteres em que a nudez/pornografia estejam presentes; correio electrónico, bilhetes e outros escritos de cunho sexual; passar a mão nas partes íntimas; comparações maliciosas entre a vítima e outras pessoas; tocar ou roçar o corpo do assediado de forma forçada, não quista e intencional; os agarrões, beliscões e, ainda, os assobios comuns nesta prática; atirar objectos ao solo para pedir que as mulheres de saia os recolham, insinuações de como vestir para destacar os seios e/ou pernas.

Gráfico 4: Manifestação do assédio sexual no meio escolar



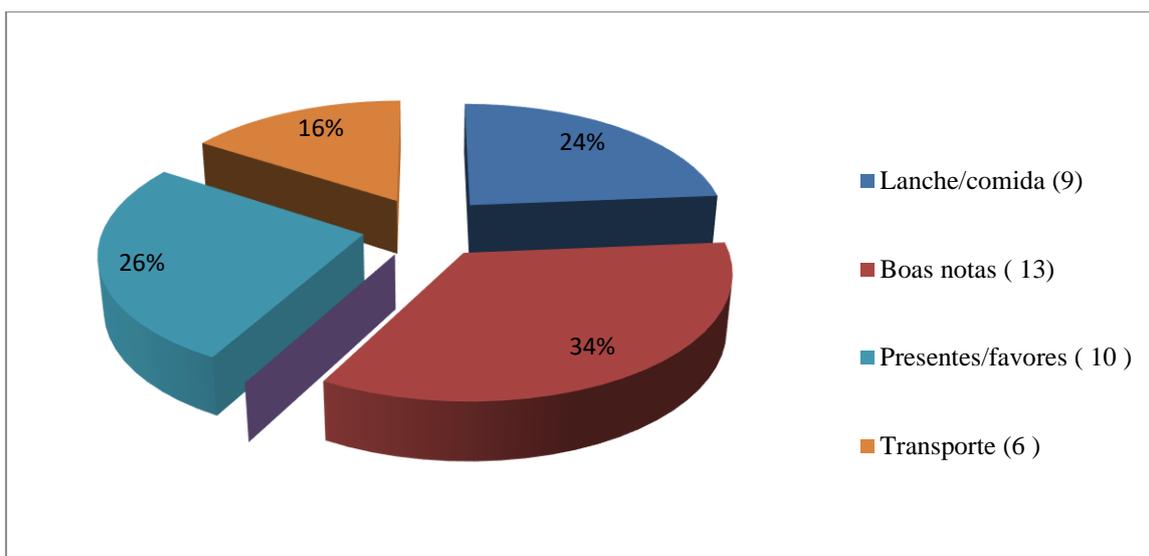
5. Aliciamentos na prática do assédio sexual no meio escolar

Para que o assédio sexual ocorra, o assediador sempre recorre a alguns pretextos de modo a que consiga materializar os seus objetivos. E assim que a vítima do assédio sexual é sempre subalterno ao assediador, revelando uma relação de poder, este lhe alicia por uma coisa que, de antemão, sabe que faz falta a assediada.

Quando questionadas as alunas sobre os truques que os professores usam para a materialização do assédio, 34% dos inqueridos equivalentes a 13 alunas consideram que o aliciamento consiste nas boas notas para aprovar de classes.

De acordo com o Save The Children (2007) existem três principais cenários que acontecem quando se aborda o abuso e assédio sexual nas escolas. No primeiro cenário a rapariga apresenta dificuldades no seu aproveitamento escolar e o professor oferece-lhe a oportunidade de ser aprovada em troca de relações sexuais. No segundo cenário, a rapariga é chantageada pelo professor para manter relações sexuais, e caso ela se recuse será reprovada independentemente do aproveitamento ser positivo ou negativo. O terceiro cenário envolve o professor a assaltar e violar sexualmente as estudantes.

Gráfico 5: Aliciamentos na prática do assédio sexual no meio escolar



6. Estado psicológico das vítimas do assédio sexual

O assédio sexual é um fenómeno que sempre afecta o estado psicológico do sujeito que se afigura como vítima. Neste contexto, procurou-se saber das inquiridas de que forma se sentem quando são tomadas como vítimas.

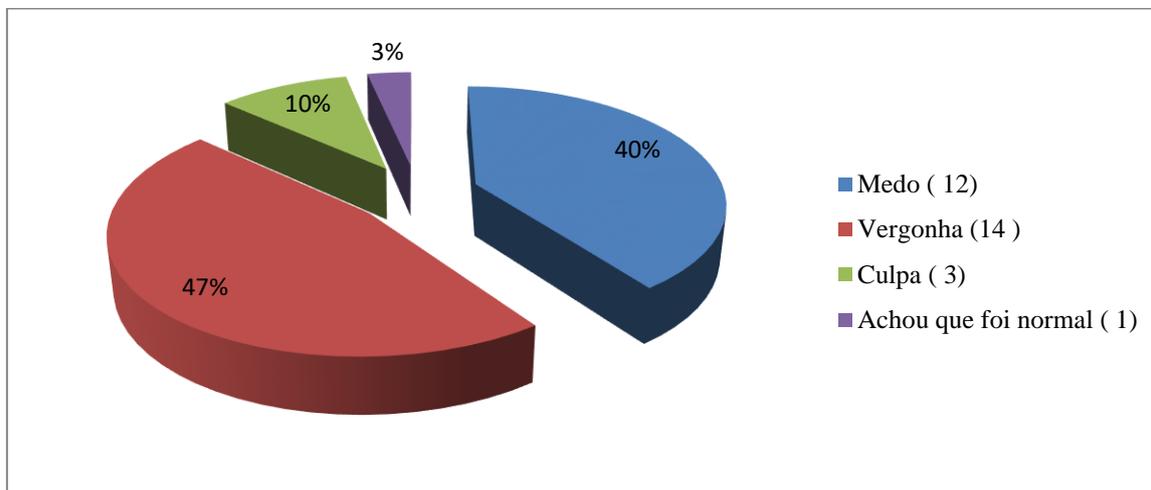
Os dados patentes no gráfico 6 indicam que o estado psicológico que as vítimas desenvolvem após sofrer assédio sexual não é o mesmo. Cerca de 47% das inquiridas referente a 14 alunas sentem vergonha e 40% das inquiridas equivalentes a 12 alunas sentem medo. Isto deve-se ao facto de a vítima não saber o que vai suceder a posterior, uma vez que o assédio é praticado por um superior e que a princípio detém poder.

A propósito dos dados acima, Faleiros (2000) afirma que muitos casos de abuso sexual não são denunciados, isto é, resultado dos sentimentos de culpa, vergonha, medo e tolerância da vítima e daqueles que são conhecedores de casos de abuso.

Por seu turno, Cunha (2017) afirma que o assédio sexual é todo comportamento indesejado ou não recíproco de carácter sexual sob forma verbal, não-verbal ou física, com o objectivo ou efeito de ofender, perturbar ou constranger a pessoa, afectar a sua dignidade, liberdade e autodeterminação sexual, integridade física e moral ou de lhe criar

um ambiente vergonhoso, intimidativo, hostil, degradante, humilhante ou desestabilizador.

Gráfico 6. Estado psicológico das vítimas do assédio sexual



7. Motivos do combate do assédio sexual no meio escolar

O assédio sexual é um fenómeno que deve ser combatido, prevenido e até eliminado. As instituições socioeducativas devem encarar para estes aspectos como um dos compromissos.

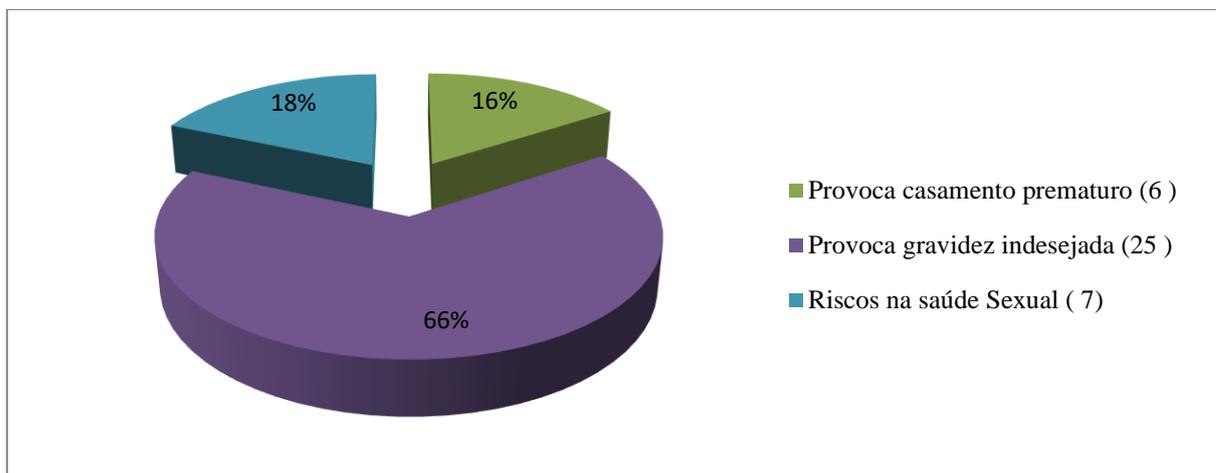
Os dados apresentados no gráfico abaixo indicam que 66% das inquiridas correspondentes a 25 alunas escolheram a opção que vinca que o assédio sexual provoca gravidez indesejada. Por outro lado, 18% das inquiridas referentes a 7 alunas entendem que o assédio sexual traz riscos na saúde sexual da vítima.

O assédio sexual origina sempre gravidez indesejada e riscos a saúde sexual, uma vez que o assédio sexual pressupõe um acto não consensual entre as partes envolvidas, tal como refere Lippmann (2004) o assédio sexual é toda conduta de natureza sexual não desejada por se constituir em uma violação do princípio de livre disposição do próprio corpo, é óbvio que o produto a ser gerado, neste caso, a gravidez, será indubitavelmente indesejado.

Por seu turno, Yunes, Miranda e Cuello (2004) referem que as vítimas convivem muito frequentemente com o risco. A situação de risco, neste caso, é compreendida pelo

conjunto de eventos negativos presentes na vida da pessoa em desenvolvimento e que aumentam a probabilidade de surgirem problemas físicos, sociais e emocionais.

Gráfico 7: Motivos do combate do assédio sexual no meio escolar



Descrição das respostas do questionário administrado aos professores da Escola Secundária de Matlhemele

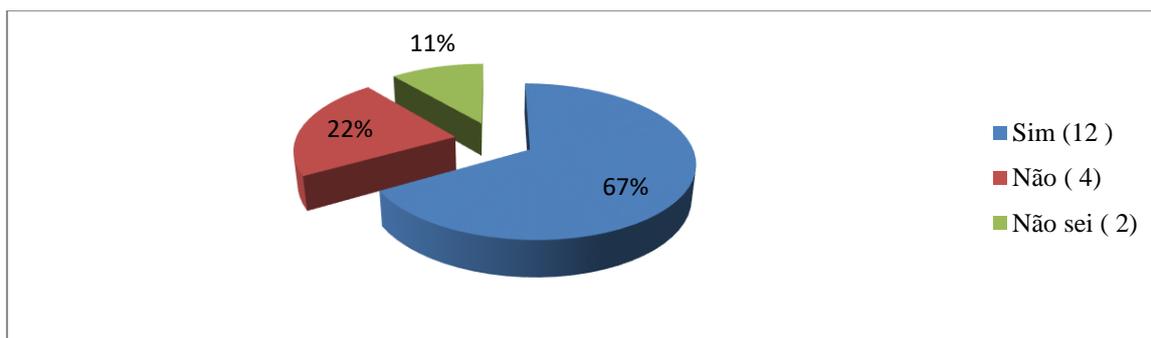
1. Conhecimento da legislação sobre assédio sexual

Conforme ora referido, em Moçambique existe um quadro jurídico-legal que aborda sobre o assédio sexual. Nesta ordem de ideias, procurou-se saber dos professores se tinham ou não conhecimento de alguma legislação que discute o assédio sexual.

Tal como ilustra o gráfico abaixo, 67% dos inqueridos referentes a 12 professores escolheram a opção que diz que tinham conhecimento da legislação que protege as mulheres e assistem as vítimas deste fenómeno.

De acordo com o Regulamento de combate à corrupção e assédio sexual (2019), o assédio e violência nas escolas, na maior parte das vezes cometidos por professores, servidores públicos e formandos, resultam em gravidezes precoces, casamentos prematuros, traumas psicológicos e abandono escolar, comprometendo assim o futuro das raparigas, excluindo-as das oportunidades que o país oferece na vida social, política e económica. Este dado mostra que os potenciais agressores têm consciência e conhecimento da lei que criminaliza o assédio sexual.

Gráfico 8: Conhecimento da legislação sobre assédio sexual

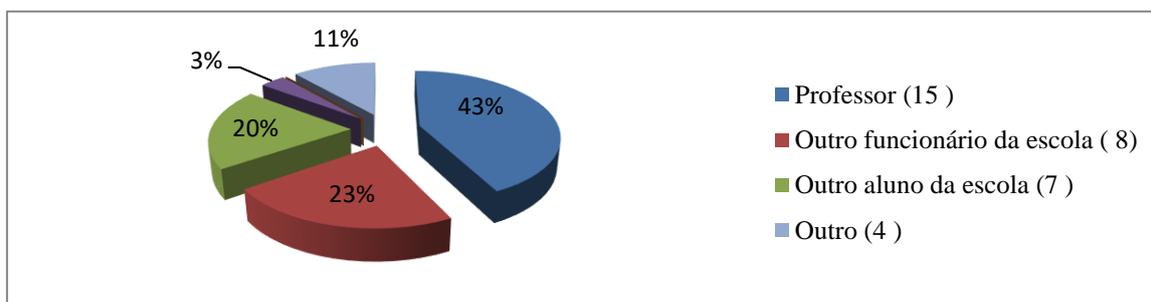


2. Protagonista do assédio sexual no meio escolar

Para o decurso do assédio sexual, deve haver um protagonista. Isto é, um indivíduo que tome iniciativa. Questionados aos inqueridos em relação a este aspecto, 43% dos inqueridos relativo a 15 professores consideram que os protagonistas são os próprios professores, em seguida 23% dos inqueridos referentes a 8 apontaram que são outros funcionários afectos na escola.

A Action Aid (2008) refere que o abuso sexual na educação consiste em molestar ou atacar sexualmente uma rapariga ou permitir que este acto ocorra na escola ou fora dela, protagonizado por professores seus ou outros funcionários da escola, em troca de benefícios materiais, nota para passar, matrícula, entre outros; Encorajar ou forçar uma rapariga a ser usada para a satisfação sexual de professores, funcionários da escola, ou mesmo elementos da comunidade numa situação de desigualdade e coerção; Envolvimento de uma rapariga em qualquer acto ou actividade sexual com um adulto ou outra pessoa mais velha, ligados ao estabelecimento de ensino que frequenta, antes da idade ou de consentimento reconhecido legalmente;

Gráfico 9. Protagonista do assédio sexual no meio escolar

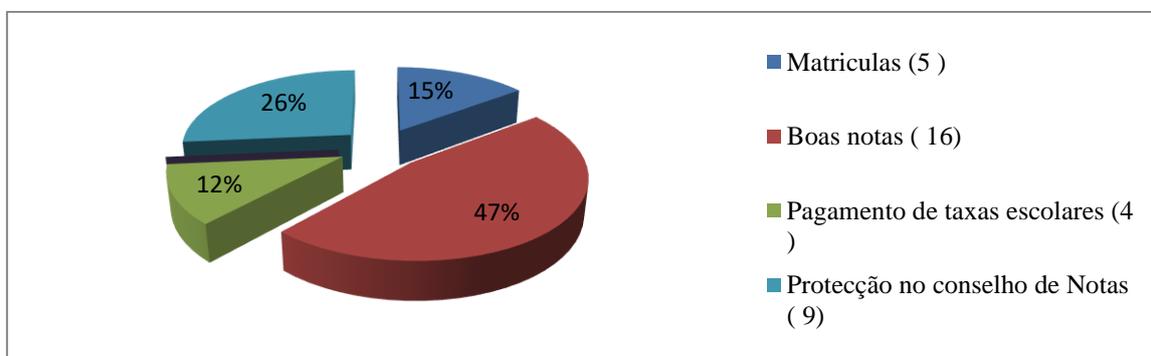


O assédio sexual não se trata de um fenómeno que ocorre de forma espontânea ou ocasional. Há sempre pretextos e/ou alegações que o assediador arquitecta para sustentar e fazer jus ao seu desejo. Os 47% dos inqueridos correspondentes a 16 professores assumem que serve como pretexto a questão da garantia à passagem de uma classe para a outra. E dada a fragilidade em que certas alunas se encontram, sentem-se menos defensivas em relação a acção do professor.

Por outro lado, 26% dos inqueridos correspondentes 9 professores consideram o pretexto de apoio e protecção na sessão de conselhos de notas, como se de favor se tratasse enquanto trata-se de um direito que ao aluno é conferido.

Segundo Mosse e Cortez (2006), uma das grandes formas de extorsão no sector da educação em Moçambique se dá por via do sexo, os professores usam a intimidação e a ameaça para fazer com que as alunas lhes prestem favores sexuais em troca de uma passagem de classe. Noutros casos, a cobrança de sexo acontece quando determinada aluna não tem dinheiro para pagar o professor; caso a aluna se recuse chumba de classe, o que faz com que esta opte por mudar de escola.

Gráfico 10: Aliciamento no assédio sexual no meio escolar



3. Mecanismos do combate ao assédio sexual

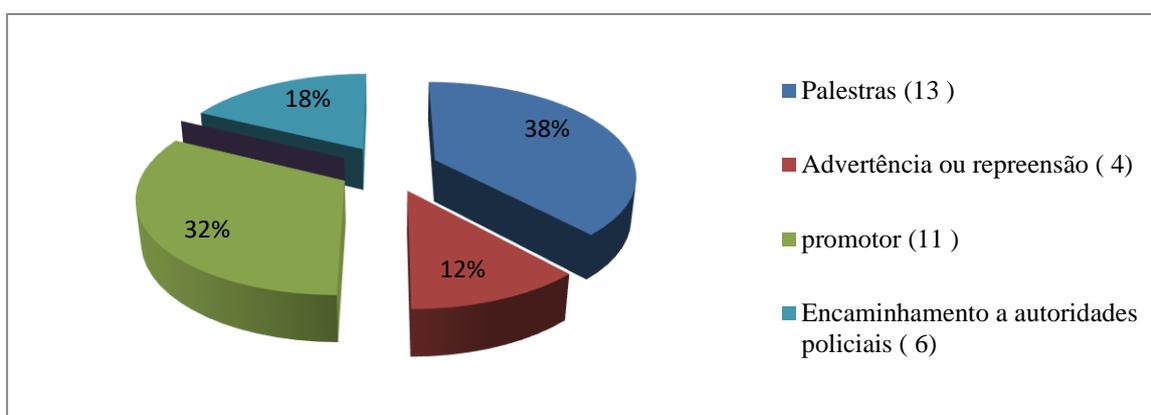
Para o combate, prevenção, mitigação e eliminação do assédio sexual, vários são os mecanismos que podem ser accionados. Tomando em consideração a este entendimento, procurou-se saber dos professores, que procedimento a escola adopta com vista a proteger as alunas deste mal.

Cerca de 38% dos inqueridos equivalentes a 13 professores entendem que os que praticam o assédio sobre alunas devem ser advertidas e sensibilizadas via palestras e 32% dos

inqueridos correspondentes a 11 professores consideram o encaminhamento as autoridades policiais como mecanismo que pode desencorajar a prática deste mal que já se apresenta como um fenómeno.

A resposta dada pelos inqueridos coaduna com a abordagem de Furniss (1993) ao afirmar que a prevenção do assédio sexual pode consistir nas campanhas de consciencialização da população sobre o problema, sensibilização das pessoas que trabalham com crianças e adolescentes, bem como programas e actividades de suporte emocional e social às famílias em situação de risco.

Gráfico 11: Mecanismos do combate ao assédio sexual

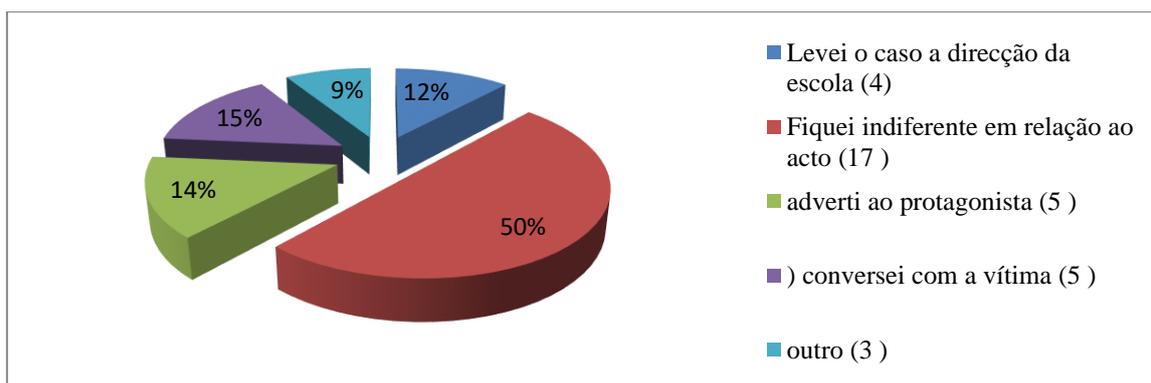


4. Reacção face ao assédio sexual no meio escolar

O gráfico abaixo ilustra a reacção dos professores quando presenciam actos de assédio sexual no recinto escolar. Cerca de 50% dos inqueridos referentes a 17 professores afirmou ter ficado indiferente por eventualmente temer possíveis represálias por parte do colega que cometera o acto. Ao passo que 15% dos inqueridos relativos a 5 professores respondeu que a atitude tomada após presenciar o assédio sexual foi de encaminhar o caso à direcção da escola.

Por seu turno, Vieira (2006), defende que a escola deve assegurar que os estudantes sejam informados sobre os seus direitos, incentivando os jovens a falar sobre o assédio com a escola. O autor reforça que pais, professores e toda estrutura pedagógica devem estar cientes que os alunos merecem um ambiente de aprendizagem em que o assédio sexual seja punível e não como algo com a qual eles devam lidar com naturalidade.

Gráfico 12: Reacção face ao assédio sexual no meio escolar



Descrição das respostas da entrevista aplicada aos gestores da Escola Secundária de Matlhemele

1 Como é tratado o assédio ao nível da Escola Secundária de Matlhemele?

G.1 É um assunto complexo porque pouco falamos mas conhecemos. O assédio é tratado de uma forma delicada quando acontece. A nível da escola temos organizado algumas palestras onde sensibilizamos os alunos a não optar ou aceitar ser assediado por qualquer um membro da escola.

G.2 Esta matéria é vasta e sensível. A escola trabalha em conjunto com os chefes de turma, director de turma, director de classe onde semanalmente reserva se 45min para discutir algumas inquietações que os alunos possam ter, mas nos dias que correm infelizmente não temos esta estrutura toda constituída, então fica difícil porque as questões ligadas a realidade interna estão muito mais centrados aos directores adjunto, entretanto em condições normais o que se tem feito são palestras com os representantes da turma periodicamente onde vão ocultar a situação a nível interno onde os chefes de turma são porta-vozes da preocupação dos alunos.

Analisando a resposta apresentada quer pelo primeiro entrevistado quer o segundo, notamos alguma convergência. Ambos reconhecem que o assédio sexual é um assunto sensível e que acontece no meio escolar apesar de não ser reconhecido pela comunidade educativa escolar.

2 Quais são os factores ou razões de ocorrência do assédio sexual na escola?

São vários, mas irei detalhar algumas razões:

G.1 No que concerne ao professor é a falta da deontologia profissional e falta de responsabilidade, abertura para a corrupção material e fragilidade psicológica. Quanto a aluna, é a falta de auto-estima e facilidade de vantagem, fraca capacidade ou empenho nos estudos e indisciplina.

G.2 Existem alunas que se têm portado de maneira não descente, saias curtas mostrando sua roupa íntima, má postura ao sentar na carteira, pedindo com que o professor lhe ofereça nota para aprovar de uma classe para outra, etc,

Os dois entrevistados divergiam em termos da resposta. O G.1 lista os factores que recaem sobre professores e o G.2 considera que a postura das alunas é que faz com as mesmas sejam assediadas, tal como advoga Maffei da Silva (1995). A acusação e a responsabilização das meninas pelo assédio de que são vítimas, mostram bem como, na incorporação do modelo cultural na construção do feminismo, as mulheres são cúmplices e agentes da sua submissão: a noção de decência relativamente ao vestuário é uma forma de dominação, isto é, as raparigas “descontroladas” que usam saias curtas expõem-se a uma violência que é social e culturalmente legítima. Significa que o “descontrole feminino” justifica e despenaliza o assédio, fazendo da vítima agente do seu próprio sofrimento.

Discordamos com o posicionamento do G.2 pois, o assédio ocorre mesmo em situações em que a vítima traje decentemente. O assédio ocorre a partir do momento em que alguém vê a outrem como um objecto de satisfação sexual e não como ser humano mercê de respeito e consideração.

3 Quais são as consequências do assédio sexual?

G.1 As consequências são várias e de seguida vou enumerar algumas; Gravidez indesejada; Pode contrair doenças transmissíveis sexualmente; Abandono escolar e Falta de auto-estima, etc.

Para o G2, é o abandono escolar por falta de segurança; Contraceção de doenças sexualmente transmissível; Bullying; Gravidez indesejada e Baixo auto-estima, que pode resultar no baixo aproveitamento.

Os dois entrevistados convergem na percepção segundo a qual, uma das consequências do assédio sexual é o abandono escolar e gravidez indesejada. Realmente, quando não se consegue resistir ao assédio sexual há possibilidade de se abandonar a escola a fim de procurar um lugar seguro, daí que Muchanga (2006) afirma que a maior parte das escolas públicas estão longe de ser um local seguro para a rapariga, uma vez que elas convivem nos recintos das escolas com os professores, alunos e pessoas de conduta duvidosa, sendo que todos são apontados como os potenciais autores de abuso sexual.

4 Quais são as medidas que a escola tem tomado em caso de flagrante delito?

G.1 Em caso de um flagrante delito deve-se abrir um processo criminal e denúncia as autoridades competentes, afastamento do professor na turma da aluna

G.2 No caso de flagrante delito, em primeiro lugar, a escola deve procurar ouvir as partes visadas para entender o que teria acontecido para chegar aquele extremo e de seguida terá que se encaminhar as devidas instâncias para a responsabilização e por questões de ética e respeito pela pessoa visada este caso deve ser tratado num fórum próprio de modo que não haja exposição da aluna.

Havendo um flagrante delito, quer G.1 quer G.2 afirma que a medida a ser aplicada como forma de se desencorajar este tipo de prática no espaço socioeducativo escolar é o encaminhamento do assediador e da vítima às autoridades competentes. No nosso entender, refere-se ao departamento jurídico das Direcções Distritais de Educação e Cultura afim de se prosseguir com o caso.

5 Quais são os mecanismos que protegem as alunas em caso de assédio sexual?

G.1 Caso se prove que houve assédio, afastamos o professor para uma outra escola de modo a proteger a aluna. E sensibilizamos as demais alunas para que denunciem todo tipo de tentativa de assédio ao director da turma ou pai turma.

G.2 É sabido de antemão que o professor é também psicológico costuma se dar uma assistência cuidadosa junto com os pais e/ou encarregados de educação da aluna de modo

que não haja exposição que pode influenciar no auto-estima da vítima. Também os alunos devem contactar o pai ou mãe turma para expor as suas inquietações e se a situação ultrapassa os limites da sala de aula deve se entrar em contacto com o director da classe e ele por sua vez entra em contacto com a direcção da escola e o conselho da escola que são também entidades que estão em contacto com as linhas operativas neste caso a polícia de Malhemele para que haja uma responsabilização do perpetrador.

O G.1 assim como o G.2 foram unanimes em responsabilizar a aluna em meter a queixa ao director da turma e da escola. Este último, por sua vez, encaminhará o caso a direcção e o conselho da escola.

No nosso entender, trata-se de um mecanismo errado para se travar o fenómeno assédio pois, o director, quer da turma quer da escola, a princípio é professor. Logo, ele é também parte do problema. Dada a sensibilidade da temática do assédio sexual, a escola devia criar uma entidade autónoma a fim de assegurar que os alunos em caso de violência e assédio sexual tenham liberdade de expor as queixas sem temer represálias.

6 Que acções são realizadas para o combate e prevenção do assédio sexual da aluna?

Para G.1 as acções consistem na criação de um ponto focal; Realização de palestras e Leitura de documentos normativos.

Por seu turno, G.2 falou do envolvimento de todos actores, educativos, pais e/ou encarregados de educação, o corpo directivo da escola, chefes de turma, na qual em conjunto traçam estratégias para combater este mal, mas devido a nova realidade decorrente dapandemia, estamos na fase de se readaptar fazendo alguns arranjos visto que a escola não tem um gabinete especifico para tratar assuntos relacionados com os problemas do aluno, existe um projecto de geração juvenil, onde pretendem construir um bloco de 3 salas até 2024 para atender jovens e raparigas vitimas da violência, mas por enquanto existe um gabinete móvel de pessoas que tratam da parte de acção social.

O assédio sexual é um fenómeno que constitui preocupação a direcção da escola, por isso, como forma de impedir o seu decurso, se tem apostado na criação de ponto focal, realização das palestras bem como o envolvimento de todos actores educativos.

DilysWent (s/d) citado por Alvarez e Marques (2012) para desenvolver acções de educação sexual, é desejável que o professor se preocupe genuinamente com o bem-estar

físico e psicológico dos alunos, que aceite e respeite a sua sexualidade e a dos outros, que procure o envolvimento dos pais e/ou encarregados de educação e outros profissionais quando reconheçam que há situações em que não domina a informação que necessita transmitir.

CAPÍTULO V: CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

5.1 Conclusão

Este trabalho se propôs a compreender o papel da Escola Secundária de Matlhemele no combate ao assédio sexual da aluna. Para o efeito, realizou-se a pesquisa bibliográfica e do campo envolvendo alunas, professores e gestores escolares.

Do estudo realizado, conclui-se que na Escola Secundária de Matlhemele existe sim o assédio sexual de alunas. Este fenómeno é sobejamente conhecido pela comunidade educativa escolar, mas dada a sua delicadeza é pouco discutido.

Quanto às formas que os professores recorrem para a prática do assédio sexual são destacados os comentários eróticos e toques nas partes íntimas das alunas. E obviamente, isso leva à prática do acto sexual em caso de aluna ceder em benefício a certos favores.

Os gestores escolares têm procurado realizar acções com vista a mitigação deste fenómeno que traz consequências graves na vida de alunas assim como na imagem institucional, tais acções consistem nas palestras e sensibilização aos professores e alunas a não se envolverem em actos desta natureza.

Quanto as medidas tomadas em caso da confirmação da ocorrência do assédio sexual, conclui-se que o estudo não apurou nenhuma. A escola se limita em implementar a estratégia de sensibilização à comunidade escolar e não na divulgação dos casos e exposição dos assediadores como forma de desencorajar este tipo de prática.

Em suma, o papel da Escola Secundária de Matlhemele no combate ao assédio sexual de alunas consiste na sensibilização da comunidade escolar e não no accionamento de medidas que culminem com o afastamento de assediador, como forma de desencorajamento aos demais professores, visto que são apontados como sendo os protagonistas.

5.2 Recomendações

- ✓ Aplicação de medidas concretas visando a mitigação do assédio sexual no meio escolar
- ✓ Promoção de actividades extra-curriculares sob o lema "não ao assédio sexual de aluna;
- ✓ Promoção de concursos com mensagens desencorajadoras a prática do assédio
- ✓ Produção de Cartazes e folheto;
- ✓ Realização de teatros

Referências bibliográficas

- ActionAid (2008). *Manual de Campanha. Não ao Abuso Sexual Contra a Rapariga na Educação*
- Bagnol, B. (1997). *Diagnóstico do Abuso Sexual e Exploração Comercial Sexual de Crianças em Maputo e Nampula*. Embaixada do Reino dos Países Baixos, Maputo, Moçambique.
- Barsted, L.L. (2016) *O feminismo e o enfrentamento da violência contra as mulheres no Brasil*. In: Sardenberg, C.M.B., and Tavares, M.S. comps. *Violência de género contra mulheres: suas diferentes faces e estratégias de enfrentamento e monitoramento* [online]. Salvador: EDUFBA, pp. 17-40.
- Basílio, A. (2014). *Papel do conselho de escola no sistema educativo moçambicano: um estudo de caso (Tese de doutoramento)*. Universidade Católica, Portugal.
- Costa e Silva (s/d); *A violência simbólica na escola: Contribuição dos sociólogos franceses ao fenómeno da violência escolar brasileira*.
- Costa, M.A.F e Costa, M.F.B (2013), *Projecto de Pesquisa: Entendi e Faça*. 4ªEd. Brasil: Editora Vozes.
- Cunha J (2017) *Assédio sexual no âmbito das relações laborais*, dissertação de mestrado, defendida no Instituto Universitário de Lisboa, divulgada https://repositorio.isctel.pt/bitstream/10071/14723/1/Joao%20Cunha_disse_rtao.pdf
- Escarameia, B. C (2008). *Relação Escola-Família em Contextos Multiculturais- Percepção dos professores do 1º Ciclo do Ensino Básico face à participação das famílias na escola*. Dissertação para a obtenção do grau em Educação de Infância, defendida na Universidade do Algarve Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

- Figueira (2009) relatório do estudo sobre abuso sexual da rapariga nas escolas moçambicanas. Maputo
- Furniss, T. (1993) *Abuso sexual da criança: Uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Gerhardt, T. E, Silveira, D, T. (2009) *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Gil, A. C. (2008) *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo. 6ª ed. Editora ATLAS S.A.
- Hirigoyen, M. F. (2010) *Assédio Moral: A Violência Perversa no Cotidiano*. Tradução: Maria Helena Kühner. 12. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil
- Koubi, G, (2006) *Variáveis da noção de assédio*. In: Seixas, J; Bresciani, M. S. (Orgs.). *Assédio Moral: desafios políticos, considerações sociais, incertezas jurídicas*. Uberlândia: EDUFU, p. 15-34.
- Lippmann, E (2004) *Assédio sexual nas Relações e Trabalho*. 2. ed. actual. São Paulo: LTr,
- Matavele, J. (2005) *Relatório do Estudo sobre Abuso Sexual da Rapariga nas Escolas Moçambicanas*. Maputo.
- Maffei, D, S e Maritza, F (1995) *Mulher, identidade fragmentada*. In: E. Romero (org), *Corpo; Mulher e Sociedade*. S. Paulo: Papirus.
- MMAS (2004). *Plano Nacional de Acção para a Prevenção e Combate à Violência Contra a Mulher (2008-2012)*.
- Mosse, M. & Cortez, E. (2006). *A Pequena Corrupção no Sector da Educação em Moçambique*. Documento de Discussão N° 2. Centro de Integridade Pública de Moçambique. Moçambique.
- Muchanga, S. (2006). *Nas escolas do País formas costumeiras perpetuam abuso sexual da rapariga*. Extraído, em 15/03/2020 em <http://comunidadeemocambicana.blogspot.com>

- Oliveira (2012) *o assédio sexual no direito do trabalho comparado*. Genesis Editora, Curitiba
- OMS (2011). *Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher, acção e produção de evidência*. Panamerican Health Organization, Washington, D.C. Retirado em 12/06/2014, de http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/44350/3/9789275716359_por.p
- Osório, C. (2007) *A Socialização Escolar: Educação Familiar e Escolar e Violência de Género nas Escolas*. Publicado em Outras Vozes, nº19, Maio.
- Plano Nacional de Acção para a Prevenção e Combate à Violência Contra a Mulher (2008-2012). Aprovou e publicou a lei nº 29/2009 de 29 de Setembro (art.1);
- Plano nacional de prevenção e combate à violência baseada no género (2018-2021),
- Programa Conjunto sobre Género e HIV e SIDA (2009)
- Queiroz, K. (2001). *Abuso sexual: Conversando com esta realidade in: Centro de defesa da criança e do adolescente - Yves de Roussan. CEDECA-BA. Extraído, aos 19/04/2020 em www.cedeca.org.br/pdf/abuso_sexual_katia_queiroz*.
- Regulamento de combate à corrupção e assédio sexual (2019)
- Richardson, J.R. (2010). *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas* (3ªEd.) São Paulo: Atlas S.A.
- Rodolfo P, F. (2002); *Assédio sexual questões conceituais* <http://jus.com.br/artigos/6826/assedio-sexual>
- Santos, B. C (1998) *Maus-tratos e abuso sexual contra crianças e adolescentes: Uma abordagem multidisciplinar*. São Leopoldo: Contexto Gráfica e Editora
- Santos, A, (1999) *Assédio Sexual nas Relações Trabalhistas e Estatutárias*, Rio de Janeiro, Forense
- Santos E, C. J. (2011) *Análise do abuso sexual da rapariga e o papel da gestão nas escolas primárias em Moçambique*. FACED, UEM.

- Santos, F (2011) *Fenómeno bullying: Como se prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*, Campinas
- Save The Children (2003) *Aprendendo sobre os direitos das crianças com deficiência, Guia de orientação à família, escola e comunidade*. Autora: Windyz B. Ferreira. Recife. Disponível em: <http://www.scslat.org/search/publipor.php?cod=101&lang=p>
- Save The Children (2005). *Pesquisa sobre o Abuso Sexual de Raparigas nas Escolas Moçambicanas*. Principais resultados. Extraído aos 25/11/2008 em <http://www.wlsa.org.mz/lib/articles/Pesquisa%20sobre%20o%20Abuso%20Sexual%20de%20Raparigas.pdf>
- Silva, A (2007) *Abuso sexual de crianças*. Departamento de psicologia nas escolas e educar para a paz.
- Silva, P. (1993) *A acção educativa: um caso particular: o dos pais difíceis de envolver no processo educativo escolar dos seus filhos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Vicente, J. G. (2012) *Violação sexual de menores em Moçambique: impunidade ou defesa de tradições?*
- Vieira, N.M. (2006) *Abusos Sexuais a Menores*. Coimbra, Janeiro
- Yunes, M. A. M.; Miranda, A. T. e Cuello, S. E. (2004). *Um olhar ecológico para os riscos e oportunidades*. In: *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo

ANEXOS

ANEXO 1 CREDENCIAL

APÊNDICE

Apêndice 1: Questionário administrado aos alunos

Este questionário é dirigido as alunas da Escola Secundaria Malhemele. O mesmo foi concebido no âmbito da culminação do curso de Licenciatura em Organização e Gestão da Educação, pela Universidade Eduardo Mondlane, com o tema: O papel da Escola no combate ao assédio sexual da aluna: Caso da Escola Secundária de Malhemele (2018-2020). Com este questionário, visa-se recolher informações sobre a problemática do Assédio Sexual nas escolas. Os resultados e a qualidade deste trabalho dependerão da sua colaboração em prestar informações solicitadas de forma objectiva e sincera. Ressaltamos a observância do sigilo das informações a serem prestadas que consistira na não divulgação de forma individualizada para outro fim senão de investigação.

A sua participação é voluntária.

1. Dados pessoais Sexo: Feminino Masculino Idade: _____
2. Classe que estuda: 8ª 9ª 10ª 11ª 12ª 2.

1. Alguma vez ouviu falar sobre Assédio Sexual?

Sim não

2. Como obteve esse conhecimento pela primeira vez?
 Palestra na escola Professores Pais/ outros familiares Comunicação social (rádio, tv) Redes sociais (internet, WhatsApp, etc) Outros, especifique: _____
3. Conhece alguma Lei Moçambicana que protege casos de Assédio Sexual?
 Sim Não
4. Se Sim, Marque os instrumentos legais que combatem o Assédio Sexual?
 Constituição da Republica de Moçambique Declaração dos Direitos da Criança Lei da Família Código penal Regulamento Interna da Escola Outros, especifique
5. Já ouviu falar da linha verde N0 116, para denúncia dos casos de violência e assédio sexual?
 Sim Não
6. Porquê é que o assédio sexual é um problema?

- Retarda o desenvolvimento da aluna () Provoca abandono escolar () Provoca casamento prematuro () Provoca gravidez indesejada () Riscos na saúde Sexual () Provoca degradação moral () Faz perder auto-estima () Outros, especifique
7. Você já sofreu assédio sexual dentro da escola ou por meio da escola, por parte de algum (a) professor (a) e/ ou outro (a) aluno (a)
- () Sim () Não () Talvez
8. Se sim, qual foi a situação?
- () Comentários eróticos () Toque nas partes íntimas () Olhar malicioso () Elogio de cunho sexual () Beijo ou abraço sem seu consentimento () Sugestão para manter relação sexual () Insistência e xingamentos () Outros, especifique: _____
9. O que você sentiu?
- () Medo () Vergonha () Culpa () Achou que foi normal
10. Dentro da escola, você já fez com alguém ou presenciou alguma situação assédio sexual?
- () Já fiz com alguém () Já presenciei () Nunca fiz/presenciei Se fez ou presenciou,
11. Se fez ou presenciou, foi em troca de:
- () Lanche/comida () Boas notas () Pagamento de taxas escolares () Promessa de emprego () Presentes/favores () Transporte () Outro, Especifique
12. A direção da escola tem feito algo quando há denúncia de ocorrência do assédio sexual da aluna na escola?
- () Sim () Não ()
13. Na sua opinião, o que acha que poderia ser feito para prevenção/ combate do Assédio Sexual na sua escola?
- Palestras () Advertência ou repreensão () Suspensão do promotor () Demissão/ expulsão do promotor () Encaminhamento a autoridades policiais () Outros,
14. Já presenciou ou ouviu da sua/seu colega alguém ter-lhe tocado aqui na escola ou a partir da escola de forma sexual sem permissão em partes do corpo sensíveis (seios, nádegas, etc..)
- () Sim () Não
15. Se Sim, quem foi a pessoa que praticou isso?
- () Professor () Professora () Outro funcionário da escola () Outro aluno da escola () Amigos ou conhecidos do professor () Ela/Ele próprio () Outro, Especifique

16. Ouviu de alguma das suas/seus colegas ter sofrido sexo forçado na escola ou partindo da escola Sim Não
17. Se sim, quem foi o promotor do sexo forçado? Professor Professora Outro funcionário da escola Outro aluno da escola Amigos ou conhecidos do professor Ela/Ele próprio Outro, Especifique
18. A escola fala ou já falou alguma vez sobre violência contra a mulher, machismo e desigualdades de género?
 Sim Não Não lembro

Apêndice 2: Questionário administrado aos professores

Este questionário é dirigido aos professores da Escola Secundaria Malhemele. O mesmo foi concebido no âmbito da culminação do curso de Licenciatura em Organização e Gestão da Educação, pela Universidade Eduardo Mondlane, com o tema: O papel da Escola no combate ao assédio sexual da aluna: Caso da Escola Secundária de Malhemele (2018-2020). Com este questionário, visa-se recolher informações sobre a problemática do Assédio Sexual nas escolas. Os resultados e a qualidade deste trabalho dependerão da sua colaboração em prestar informações solicitadas de forma objectiva e sincera. Ressaltamos a observância do sigilo das informações a serem prestadas que consistira na não divulgação de forma individualizada para outro fim senão de investigação.

Dados pessoais

1. Sexo ()

Masculino () Feminino Turno ()

2. De maneira geral, já ouviu falar sobre Assédio Sexual?

() Sim () Não

3. Conhece alguma lei ou organismo que combate o Assédio Sexual

() Sim () Não

4. Marque os instrumentos legais ou organismos que combate o Assédio Sexual?

() Constituição da Republica de Moçambique () Declaração dos Direitos da Criança ()

Lei da Família () Código penal () Regulamento Interna da Escola () Ministério de Educação e Desenvolvimento Humano () Ministério de Género Criança e Acção Social

() Não sabe () Outros, especifique:

5. No vosso regulamento interno é tratado o assunto do Assédio Sexual?

() Sim () Não () Não sei

6. Tem conhecimento de situações de fraude académica, em troca de favores sexuais? ()
Sim () Não () Não Sei
- 7 Já ouviu falar da linha verde nº 116 “Fala criança”, para denuncia dos casos de Assédio Sexual?
() Sim () Não () Não sei
8. Na sua opinião, aqui na sua escola as pessoas consideram o assédio Sexual como um problema? () Sim () Não () Não sei
9. Se Sim, Porquê? (Assinale o número de alternativas que quiser)
- () Retarda o desenvolvimento da aluna () Provoca abandono escolar () Provoca casamento prematuro () Provoca gravidez indesejada () Riscos na saúde Sexual () Provoca degradação moral () Faz perder auto-estima () Outros, especifique
10. Na sua opinião, acha que a forma como está sendo combatido o assédio sexual na escola é eficaz? () Sim () Não () Não sei
11. Na sua opinião, o que acha que poderia ser feito para prevenção/ combate do Assédio Sexual na sua escola? ()Palestras ()Advertência ou repreensão ()Suspensão do promotor ()Demissão/ expulsão do promotor ()Encaminhamento a autoridades policiais ()Outros, especifique: () Não sei
12. Já ouviu falar aqui na escola de alguém sobre caso de aliciamento ou pedido de um relacionamento sexual? () Já presenciei () Nunca presenciei
13. Se presenciou o pedido de um relacionamento sexual foi em troca de:
- () Lanche/comida () Boas notas () Pagamento de taxas escolares () Promessa de emprego () Presentes/favores () Transporte () Outro, Especifique
14. Quem foi a pessoa que aliciou ou propôs o tal relacionamento
- () Professor () Professora () Outro funcionário da escola () Outro aluno da escola () Amigos ou conhecidos do professor () Ela/Ele próprio () Outro Especifique
15. Já foi abordado nesta escola para um relacionamento sexual em troca de: () Matrículas () Boas notas () Pagamento de taxas escolares () Alojamento/ aluguer de casa ()

Protecção no conselho de Notas () Outro, especifique () Nunca presenciou ou nunca ouviu falar

16. De quem terá partido tal aliciamento ou proposta deste tipo de relacionamento? () Aluna/o desta escola () Encarregada/o de educação/ outro familiar () Outro, especifique

Muito Obrigada!

Sua participação foi muito importante para esta pesquisa.

Apêndice 3: Guião de Entrevista para Director Pedagógico e da Escola

1. Introdução: Contextualização do estudo e seus objectivos
2. Dados pessoais e profissionais (sexo, idade, grau académico, regime contratual, tempo de serviço)
3. Como é tratado o assédio ao nível da Escola Secundária de Matlemele?
4. Quais são os factores ou razões de ocorrência do assédio sexual na escola?
5. Quais são as consequências do assédio sexual?
6. Quais são as medidas que a escola tem tomado em caso de flagrante delito?
7. Quais são os mecanismos que protegem as alunas em caso de assédio sexual?
8. Que acções são feitas para o combate e prevenção do assédio sexual da aluna?
9. Como tem sido o envolvimento dos actores educativo pais, membro de conselho de escola, face ao assédio sexual?
10. Quais são as estratégias adoptadas pela escola no combate ao assédio sexual da aluna?